

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

MARIA DO CARMO DA SILVA

O PERFIL ADOLESCENTE NO FACEBOOK
Assimetria e papéis de gênero

FLORIANÓPOLIS
2016

MARIA DO CARMO DA SILVA

OPERFIL ADOLESCENTE NO FACEBOOK
Assimetria e papéis de gênero

Anteprojeto de pesquisa, referente ao Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. Disciplina: Metodologia de Pesquisa.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Giovana Cabral

FLORIANÓPOLIS
2016

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.**

da Silva, Maria do Carmo

O PERFIL ADOLESCENTE NO FACEBOOK : Assimetria e papéis
de gênero / Maria do Carmo da Silva ; orientadora, Prof^a.
Dr^a. Carla Giovana Cabral - Florianópolis, SC, 2016.
65 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1.CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS INSTITUTO DE
ESTUDOS DE GÊNERO. 3. Adolescente. Escola Pública. Gênero.
Rede Social. Facebook. I. Cabral ,Prof^a. Dr^a. Carla
Giovana . II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola. III.
Título.

MARIA DO CARMO DA SILVA

OPERFIL ADOLESCENTE NO FACEBOOK
Assimetria e papéis de gênero

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em: _____/Fevereiro/ 2017

Banca Examinadora:

Nome: _____ Ass.

Membro

Nome: _____ Ass.

Membro

Nome: _____ Ass.

Membro

AGRADECIMENTOS

Agradecer! Sem dúvida um dos momentos mais satisfatórios deste trabalho. Início por uma dupla muito especial, uma cozinheira de escola pública chamada Vera Lúcia e um vigilante conhecido por Chicão. Relembro seus muitos esforços para minha educação providenciando, da melhor forma possível, meios necessários para esta jornada: saudosamente listo entre outros, um condutor pontualíssimo que abria meu sorriso, ao acenando outro lado da rua com a descrição de um torcedor na arquibancada em dia de clássico. Era um transporte escolar sempre muito aguardado: papai. Ele e aquela bicicleta de “estimação” (um alívio embaixo do sol piauiense).

Mamãe entra nesta história me oferecendo diariamente um uniforme impecável, muitos livros, de todos os temas imagináveis e uma presença constante na escola e na vida. Eu achava muito curioso o fato dela falar e escrever tão bem, “se não ia para escola como eu”, então percebi que seu tempo sempre se dividia entre a casa e os livros, que lia por prazer e isso me transformou em uma leitora também. Hoje ela está no último ano do ensino médio, aos sessenta e três anos.

Os agradecimentos certamente deveriam iniciar por estes dois personagens especiais, sempre acreditando em mim, como pais zelosos, naturalmente conduziram-me em direção aos objetivos. Com este estímulo logo veio à aprovação na escola técnica federal (ETFPI) e depois, o ingresso na universidade federal do Piauí (UFPI) no curso de licenciatura plena em letras em inglês. A decisão pela mudança de região partiu da minha mãe. O velho sonho de emancipação migratória nordestina. Cheguei a Florianópolis em 2007, após o nascimento da minha filha (2010), decidi abandonar a multinacional em que trabalhei por cinco anos e retornar a docência.

Já dentro da rede municipal de educação, atuando como professora de inglês para adolescentes nos anos finais do ensino fundamental, e aqui eles também fazem parte da lista de agradecimentos, pois foi através desta convivência tão rica que surgiu a questão norteadora do projeto. Em cada segredo que compartilhavam havia a explícita necessidade de buscar mais conhecimento, cada pergunta que não sabia responder me desafiava a achar respostas.

Grande parte das indagações foi abordado no curso. Por isso agradeço as pessoas tão competentes, como os professores do GDE e a todos que colaboraram para a produção do que foi estudado. Transmitir tamanha complexidade requer jogo de cintura, pois mexe incisivamente com nossas próprias crenças, e eles todos estavam cientes disso. Porém

mostraram-se dispostos a respeitar e acolher as mais diversas manifestações discordantes, o que representava a mediação de debates muito ricos e trocas inesquecíveis para mim.

Agradeço aos tutores presenciais/à distância que tanto nos ajudaram, desmontando complexos contextos, expondo de forma simples revelações escondidas nas entrelinhas, sugerindo material para adentrarmos ainda mais no universo que estávamos explorando e principalmente, pelo estímulo constante que cada um proporcionou.

Através do trabalho e acompanhamento de professores e tutores, fui ganhando confiança, reorganizando minha metodologia e enriquecendo a redação. Aqui ressalto com carinho o apoio imprescindível da professora Olga Regina ZigelliGarcia, primeira tutora Gisele Mozzi e ao secretário Jonatan Pereira. Tive alguns contratemplos no módulo inicial e depois ao longo do curso, essas pessoas amigas sempre estiveram presentes, apoiando com muita generosidade e profissionalismo.

Agradeço também as inúmeras colegas da turma “D” – Donna Haraway, suas experiências revelaram outros olhares e práticas pedagógicas, tão proveitosas para meu trabalho. Em especial a amiga Liliane Machado, foram muitas e valiosas conversas, um suporte que extrapolou barreiras, o apoio em situações muito delicadas.

Com carinho expresso gratidão também à orientadora Carla Giovana Cabral, ela magistralmentesoube abraçartantas idéias, condensando diversos pontos, questionando a direção/intenção, o que me levou a refinar a busca e mapear melhor os objetivos. Sua condução discreta e segura conduziu este trabalho de forma leve e agradável. Essa importante ajuda atravessou o campo da orientação em forma de carinho e cuidado, com uma parceria que foi muito especial.

Sigo agradecendo ao meu sogro Sebastião Walter e a minha sogra Marlise Marcos, pelo apoio financeiro tão bem disfarçado em carinho e cuidado, pela amizade sincera e pelos muitos estímulos diários. E finalmente ao meu companheiro Hudson dos Santos, que botava a "casa embaixo de um braço e a cria embaixo do outro" enquanto eu absorvia horas e horas o GDE pela tela do computador.

Agradeço com muito amor e carinho à minha filha Pietra, foi a primeira pessoa a ler o meu banner, sua curiosidade foi um combustível bem vindo, obrigada por tanto interesse em meu trabalho, pelos milhares de porquês disparados nas paradinhas estratégicas em frente ao computador. Traduzir o GDE para a categoria sete anos foi muito divertido, e quando vi você estava soltando verdadeiras pérolas, de uma forma muito positiva você também foi atingida pelo curso.

E finalmente, com não menos importância, e sim na tentativa de destaque, agradeço a Deus por todo o favorecimento, pelos encontros proporcionados na realização desta conquista com tantas pessoas, autores, saberes e comigo mesma. Pelos “mimos” em forma de conhecimento e sabedoria, um verdadeiro tesouro. Encerro desejando que o curso seja uma dádiva e que seu aprendizado perdure através do trabalho com amor e respeito aos meus alunos e semelhantes.

Registro aqui também um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

"Para todos nós, em algum momento, nossa existência se revela como alguma coisa de particular, intransferível e preciosa. A descoberta de nós mesmos se manifesta como um saber que estamos sós; entre o mundo e nós surge uma impalpável, transparente muralha: a da nossa consciência. É verdade que, mal nascemos, sentimo-nos sós; mas as crianças e os adultos podem transcender a sua solidão e esquecer-se de si mesmos por meio da brincadeira ou do trabalho. Em compensação, o adolescente vacilante entre a infância e a juventude, fica suspenso um instante diante da infinita riqueza do mundo. O adolescente se assombra com ser. E ao pasmo segue-se a reflexão: inclinado para o rio de sua consciência pergunta-se se este rosto que aflora lentamente das profundezas, deformado pela água, é o seu. A singularidade de ser, mera sensação na criança – transforma-se em problema e pergunta, em consciência inquiridora" (p. 35).

Paz (1992)

RESUMO

O presente estudo traz um levantamento do perfil virtual de adolescentes matriculados em escolas públicas no Ensino Fundamental do município de Florianópolis, tomando como ambiente a rede social Facebook. O objetivo geral é analisar como este perfil é construído e qual a especificidade/assimetria de Gênero presente e visível na constituição do sujeito. Para atingir tal objetivo, foram estabelecidos como objetivos específicos: identificar a frequência e a natureza do uso do Facebook pelos adolescentes; identificar e analisar a representação dos adolescentes sobre gênero e identificar/analisar características nos discursos e atitudes referentes a assimetria de gênero buscando relacionar à influência dos ambientes escola-família-mídias. A investigação consiste numa abordagem qualitativa, com delineamento descritivo-explicativo e assumirá o caráter de estudo de levantamento (Survey). A intenção do projeto é inicialmente observar características no perfil do aluno e, a partir da perspectiva de gênero, levantar um possível padrão que se justifique distintamente em meninas e meninos. Durante o desenvolvimento será avaliada a influência e/ou reprodução de discursos absorvidos em relações interpessoais que estejam evidenciados na construção deste perfil e verificadas quais as influências do processo interacional (rede social) nas concepções de gênero que o educando possa ter; como estas concepções transitam no/do ambiente escolar e familiar; como está configurado o processo autocrítico dos modelos heteronormativos; quais as implicações da apresentação pessoal sobre o processo representativo de papéis, as condições e as relações existentes através da rede social Facebook. A pesquisa, de abordagem qualitativa, adotou os seguintes procedimentos metodológicos: observação e análise dos perfis e dos conteúdos expostos nos mesmos. O estudo partirá da análise das relações estabelecidas entre a nova "forma de autoapresentação", que os adolescentes fazem quando constroem e expõem seu perfil focando na análise a representação ideológica de gênero. Espera-se que a identificação de possíveis especificidades identitárias seja um colaborador para o processo educativo de se problematizar a condição em que são constituídas a identidade de gênero dos educandos no ambiente virtual.

Palavras-chave: Adolescente. Escola Pública. Gênero. Rede Social. Facebook.

ABSTRACT

This study provides a survey about adolescents' virtual profile from elementary public school in the city of Florianopolis, taking as setting the Facebook social network. The general objective is to analyze how this profile is built and what gender specificity is present and visible in the constitution of the subject. To achieve this goal, the following specific objectives were established: to identify the frequency and nature of Facebook use by adolescents; identify and analyze the representation of adolescents on the concept of Gender and identify and analyze which alleged influences and interference in their speech indicate conceptions that were absorbed or reinforced by environments: school/family/media. The research is a qualitative approach with descriptive and exploratory design and take the survey study of character (Survey). The project's intention is to note features in the student profile and, from a gender perspective, raise a possible pattern that is justified distinctly in girls and boys. During the development this study will be evaluate the influence and/or reproduction of speeches absorbed by external agents in interpersonal relationships that are evidenced in this profile construction and it will be verified which gender conceptions of students were influenced by interactional process (social network); how these concepts transiting between school and family environments; how the self-critical process in heteronormative models is adjusted; what implications of the personal presentation on the representative process roles; conditions and relationships through the social network Facebook. The qualitative approach adopted the following methodological procedures: observation and evaluation of profiles and contents exposed in them. The study will be directed to analyze the context of the relations established between the new "forms of self-presentation", that adolescents do when they construct and expose their profiles, focusing on the analysis of the ideological Gender representation exposed by them. It is expected that the specific profiling from the Gender Ideology be a contributor to the educational process to discuss the condition in which they are incorporated gender identity of students in the virtual environment..

Keywords: Teenager. Public school. Gender Social Network. Facebook.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - Aspectos do estudo.....	14
1.1 Pergunta da Pesquisa.....	14
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Objetivo.....	16
1.4 Objetivo Geral.....	16
1.5 Objetivos Específicos.....	17
1.6 Hipótese do estudo.....	17
CAPÍTULO II - Percorso metodológico.....	20
2.1. Método.....	20
2.2 Tipo de estudo.....	21
2.3 Cenário do estudo.....	21
2.4 População e amostra.....	21
2.5 Aspectos éticos.....	22
CAPÍTULO III - Perspectiva teórica	23
3.1 Revisão da literatura.....	28
3.2 Conceituando Adolescente.....	26
3.3 Definindo Identidade.....	27
3.4 A categoria Gênero - identidade/papéis.....	29
3.5 Rede Social Facebook.....	31
CAPÍTULO V - Apresentação e análise dos dados.....	34
4.1 Coleta dos dados.....	34
4.2 Análise e discussão.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	69
APÊNDICES.....	73
Apêndice A - termo do livre esclarecido.....	73
Apêndice B - Questionário.....	75
Gráficos 1 e 2	62
Gráficos 3 e 4	63
Tabela 1	64

1. INTRODUÇÃO

A intenção do projeto partiu de algumas inquietações levantadas no contato com alunos através da rede social Facebook. Passeando pelos perfis, aos poucos emergiu uma insistente percepção: em sua maioria, os adolescentes revelavam características de comportamentos, posturas, atuações, condutas, mensagens e discursos muito marcados pelo padrão heteronormativo que propõe papéis de gênero definidos na sociedade e, segundo Vaitsman, "incorporam normas e valores socioculturais que dizem como um homem ou uma mulher devem se comportar" (1994, p. 15). Partindo deste enfoque indaguei como estas características são desenvolvidas na identidade de gênero e projetadas no perfil.

A interrogação transitava entre o caminho percorrido pelo adolescente, na construção dessa imagem que o representava publicamente, e o significado implícito que este tão rico conjunto de informações poderia ter, se considerada a convergência das relações interacionais e constitucionais, para observação e análise do adolescente a partir do ambiente Facebook.

Embora o recorte do grupo a ser estudado tenha sido facilmente especificado: adolescentes → alunos → escola pública → usuários do facebook, houve a necessidade de se abstrair, entre o leque de abordagens existentes, um referencial teórico amparado pela Antropologia, Filosofia e Sociologia. Sendo assim, a pesquisa distanciou-se dos princípios biomédicos e dos estudos psicológicos propondo "a análise da concepção de adolescência dentro do marco sociocultural" (SALTALAMACCHIA, 1990).

A organização do trabalho aparece dividida em quatro capítulos, sugerindo inicialmente a revisão das abordagens teóricas na discussão dos elementos básicos da pesquisa, o processo geral de formação da identidade do adolescente, as implicações deste processo no intercâmbio dos ambientes escola/família e a projeção da imagem desta identidade representada na rede social Facebook. Na análise das informações, a tentativa é relacionar possíveis especificidades identitárias que hipoteticamente existam no perfil do sujeito virtual adolescente e que sejam identificáveis usando-se apenas a categoria gênero como referência.

No decorrer da tabulação dos dados buscou-se que os resultados traçassem uma relação entre as informações obtidas, o problema da pesquisa e o embasamento teórico através da abordagem qualitativa definida para o estudo, interpretando as informações a partir de técnicas como: observação, entrevista, história de vida e, direcionando para o ambiente Facebook, a análise dos discursos, representações e ações específicas, permanentes e

esporádicas, dentre outros. Existiu a preocupação em considerar a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito em uma subjetividade que não pode ser traduzida em números, intencionando que o adolescente seja analisado não como objeto de estudo, mas sim como sujeito, concordando com os autores Oliveira, Muylaerte e Reis ao concluírem:

Há poucos artigos que abordam a temática criança e adolescente e, quando se propõem a discursar sobre essa, prevalecem métodos desenhados por instrumentos fechados como escalas e testes que limitam uma expressão mais livre e espontânea desses sujeitos.

Nesse ensejo, fica o convite para o nascimento e desenvolvimento de novas pesquisas com eixo norteador de uma ética que resgate a experiência subjetiva desse sujeito.

Conduzir o trabalho admitindo a condição de sujeito para o grupo em estudo, reafirma sua participação efetiva na dinâmica da sua construção identitária, em um processo que se encontra correlacionado intrinsecamente com o meio (aqui definido pelo ambiente virtual). Possenti também concebe o sujeito como ator ao afirmar: "Acredito em sujeitos ativos, e que sua ação se dá no interior de semi-sistemas em processo. Nada é estanque, nem totalmente estruturado" (2009, p. 73).

Perfilar a constituição deste sujeito virtual e a constância/alternância desta nas relações socioculturais dialoga com seu processo de construção identitária em intersecções complexas como adolescência, gênero e o ambiente mídia/rede social/facebook . No entanto, a disposição natural dos procedimentos adotados focalizou o recorte específico do papel de gênero desempenhado, representado e divulgado pelo aluno, o que facilitou a observação e análise dos dados.

Nesse caminho espera-se que o trabalho contribua para a compreensão das relações existentes entre o meio social virtual e o processo da construção identitária de gênero, para o levantamento de possíveis influências existentes neste contexto que sejam oriundas dos ambientes família e escola, para uma reestruturação pedagógica dinâmica inovadora, no sentido de promover projetos e ações condutoras de um trabalho docente mais inclusivo, interativo e democrático.

CAPÍTULO I - ASPECTOS DO ESTUDO

1.1 PERGUNTA DA PESQUISA

A proposta visa através da análise do perfil dos alunos na rede social Facebook, responder a seguinte pergunta: existe uma assimetria na construção do perfil que possa ser levantada, com especificidades evidenciadas e que estejam relacionadas às distinções e papéis distribuídos a partir da assimetria de gênero?

Se tomarmos o conceito inicial de assimetria poderíamos entender como falta de simetria, disparidade, diferença. Aqui trazendo para a proposta do trabalho essa assimetria está relacionada a gênero e em todas as possíveis disparidades, passível de observação, que possam ser perceptíveis a partir do que é apresentado nos perfis femininos e masculinos.

O recorte inicial garota e garoto estão delineando a especificação de gênero admitindo o que foi informado pelo adolescente em seu perfil no requisito de sexo: masculino/feminino, mas levando em conta o papel de gênero reconhecido por este adolescente na exposição de sua rede social. A análise proposta não pretende se deter nas diferenças entre homens e mulheres naturalizadas pelo condição biológica definida pelo termo “sexo” e sim nas disparidades entre homens e mulheres, tomadas aqui como construções socioculturais.

Admite-se inicialmente que nos perfis está presente características específicas de cunho individual que se repetem de forma semelhante em muitos outros perfis do mesmo grupo, como nuances coletivas, por isso a intenção da autora em observar quais dessas características são observadas com mais intensidade em determinados perfis e se isto pode estar relacionado ao condicionamento social que cada grupo possa pertencer.

Que há disparidade, isso pode ser admitido de imediato mas é preciso investigar se estas representariam um consenso coletivo articulado diretamente às interações sociovirtuais que o adolescente mantém, Se de alguma forma o que é mostrado pelo grupo de garotos se diferencia do que geralmente é apresentado nos perfis das garotas e como isso está relacionado a concepção de gênero que cada um possui e ao papel que apresenta para a sociedade.

1.2 JUSTIFICATIVA

O processo de construção da identidade do sujeito já começa desde a mais tenra idade até a velhice, por meio da transmissão, da aprendizagem e da influência social

(DESCHAMPS; MOLINER, 2009). "Nesta busca de identidade, o adolescente recorre às situações que se apresentam como mais favoráveis no momento. Uma delas é a da uniformidade, que proporciona segurança e estima pessoal" (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 32).

Boa parte das experiências de intercâmbio social do adolescente hoje em dia se faz através das redes sociais. Ao dispor seu perfil nesse meio o que é apresentado pelo sujeito faz parte de uma construção social disposta virtualmente. Nesta específica relação interativa indivíduos se auto constroem através do recurso das novas tecnologias.

"Tais comportamentos ficam gravados na esfera do ciberespaço, e sua manifestação, assim como toda produção humana nesse ambiente, aguarda por ser estudada e analisada pelo corpo científico e um dos campos que vem sendo explorado nos últimos anos nesse contexto é da manifestação e avaliação da personalidade no ambiente virtual" (Kosinski, Stillwell&Graepel, 2013).

Existe um perfil apresentado virtualmente por este adolescente que poderia ajudar no desenvolvimento de estudos sobre as interações e influências sofridas no processo de construção identitária do sujeito.

Dentre os ambientes que produzem um grande fluxo de interação online, as redes sociais, como o Facebook, são aquelas que deixam transparecer inúmeras características pessoais, como orientação sexual, desejabilidade social, predileção política e traços de personalidade (Bachrach, Kosinski, Graepel, Kohli&Stillwell, 2012). Contudo, ainda é pequeno o corpo de estudos que utilizam esse novo paradigma de interação humana (Benevenuto, Almeida & Silva, 2011). Aqui nos referimos a levantamentos de dados, para a análise identitária, de sujeitos tão ativos virtualmente como os adolescentes.

Pode-se afirmar que a vida dos adolescentes pesquisados hoje se desenha em relações que extrapolam as experiências pessoais. Então qual seria o papel da Escola na educação de gênero, na abordagem das relações interativas com as novas tecnologias, na mediação do uso responsável e ético dessa ferramenta de comunicação social para o desenvolvimento dos estudantes? A partir da perspectiva social, torna-se então fundamental identificar como a mídia e a cultura do consumo têm afetado a construção e oferta de marcadores identitários dentro dos contextos nos quais os adolescentes estão inseridos (Campos & Souza, 2003; Passos, 2008).

Concebendo o estudo para fins educacionais, é pertinente refletir um pouco mais sobre a contribuição da escola na formação do adolescente e em sua concepção de gênero. A adolescência para Santos está identificada com escola, com aumento de tempo na escola, com mudança da instituição escolar e a extensão progressiva do período de aprendizagem; tudo isto deu consistência e visibilidade à condição infanto-juvenil (Santos, 1996, p.157).

É relevante considerar o peso que a instituição Escola representa. Vale lembrar que o meio escolar é aqui tomado para a investigação não pelo indivíduo, quando considerado aluno, mas da pessoa em formação identitária. As escolas, portanto, de acordo com Bauman (apud CARVALHO, 2012) "funcionam como fio condutor que une, orienta e exhibe todo um conjunto de referências acerca da construção da identidade dos adolescentes. Para além das instituições, as escolas são comunidades de vida e de destino, cujos membros vivem juntos e numa ligação absoluta".

Defendemos então este ambiente, como parte de um meio social que deve ser investigado, aproveitando uma demanda que nem sempre apresentou muitas contribuições. Segundo Camargo "Mais recentemente, no entanto, o cotidiano escolar, as conversas, os fatos vividos nos espaços fora de sala de aula, nos corredores, banheiros, recreio, cantina começaram a ser reconhecidos como espaços de formação, como espaços possíveis para a constituição do sujeito" (CAMARGO, 2007).

Seria interessante contrapor qual o impacto destas interações virtuais e se este impacto, não estaria desempenhando papel determinante de influências e interferências, muito mais que as mediações interpessoais.

1.3 OBJETIVOS

Neste trabalho, todos os envolvidos na pesquisa estão matriculados na rede municipal de Florianópolis, sendo alunos dos anos finais, com idade entre treze e quinze anos. Foi observado o perfil apresentado no Facebook para se elencar possíveis características específicas de gênero. Para isso foram traçados os seguintes objetivos:

1.4 OBJETIVO GERAL

Identificar especificidades no perfil virtual adolescente a partir das relações de gênero, levantando especificidades que se justifiquem distintamente e que delimite uma assimetria de gênero que esteja relacionada aos padrões pré-estabelecidos e assim analisar de

que forma a imagem construída virtualmente está relacionada com o papel desempenhado por este aluno na sociedade.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como esse perfil é construído, qual a especificidade de gênero presente e visível na constituição do sujeito.
- Constatar quais as reproduções e definições encontradas pode estar relacionado a discursos como apologia ao crime, erotização do corpo, machismo, sexismo, homo-lesbo-transfobia e outras formas de discriminação.
- Quais supostas influências e interferências no discurso destes alunos indicam reprodução de concepções absorvidas ou reforçadas pelo ambiente virtual.

1.6 HIPÓTESE DO ESTUDO

Cada vez mais as relações adolescentes estão configuradas no ambiente virtual. Seguindo esse raciocínio podemos admitir que o pesquisado interage socialmente neste universo, para eles tão familiar. Há uma constante interação coletiva e uma necessidade de ser visto e ouvido. As novas tecnologias facilitaram a comunicação desse sujeito com os outros e também o fomentou para se autoprojetar.

Essa projeção reflete uma relação entre o sujeito e seu discurso. "Os discursos funcionam no interior de dispositivos, ou seja, são os dispositivos que põem em circulação os diferentes discursos que nos capturam e regem nossa forma de ver, ser visto, dizer e ser dito" (LARROSA, 2010, p. 63).

Porém nem sempre a exposição/absorção é positiva para o desenvolvimento do sujeito em análise, à medida que expõe diretamente o adolescente a discursos negativos relacionados a gênero, como machismo, sexismo, homofobia, transfobia e outras formas de discriminação. Paraíso alerta para o poder de influência deste recurso/agente "considerar o discurso como prática é explorar sua potencialidade para produzir, fabricar e objetivar realidades, objetos e sujeitos." (2007, p. 233).

A partir desta premissa poderíamos hipoteticamente afirmar que: a construção do perfil virtual do adolescente pode representar concepções absorvidas nas interações constantes através das redes sociais, entre elas o Facebook. "Torna-se então fundamental identificar como a mídia e a cultura do consumo têm afetado a construção e oferta de marcadores

identitários dentro dos contextos nos quais os adolescentes estão inseridos" (Campos & Souza, 2003; Passos, 2008).

Fischer (2002), inspirada no pensamento de Michel Foucault, apresenta a mídia como um dispositivo pedagógico, que atua ativamente na constituição de sujeitos e subjetividades, à medida que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem”. Com isso, tal veículo “orienta a constituição ou a transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas”(Larrosa, 2010).

Todas as características observadas, relacionando imagens/vídeos, postagens, comentários, curtidas, compartilhamentos entre outras ações possíveis neste aplicativo, podem referenciar especificidades atitudinais/comportamentais distintivas entre meninas e meninos e traçar um estudo comparativo da relevância destas concepções absorvidas ou reforçadas no ambiente virtual com as ideologias promovidas nos outros possíveis ambientes de relações interacionais, como família e escola.

As mídias sociais são exploradas como espaços de criação na dinâmica de acesso a diversos contextos de realidade virtual, em um tempo de identidades globais e fluídas (Bauman, 2001) o que me levou a questionar o processo constitutivo da expressão identitária projetada nos perfis dos estudantes. Entendo a implicação da abrangência do ambiente virtual como acelerador de supostas modificações e associações para que possam se auto definir ou assemelhar-se, pois “nada proíbe pensar que diferentes quadros identitários se imbricam uns aos outros, a fim de contribuir para o sentimento de identidade” (DESCHAMPS; MOLINER, 2009, p.147).

Considerando a representação pessoal que os alunos apresentavam em seus perfis inicialmente sugestionei a existência de marcas específicas de discurso e expressões a partir da distinção do gênero e questionei uma possível existência de relação direta com o meio utilizado: rede social. Seguindo essa lógica indaguei se o ambiente virtual favorecia construções de perfis, a partir da expressão de gênero, com inclinações, discursos e especificidades de valores que eu reconhecia como padrões sociais absorvidos nos diversos meios sociais, mas especificamente muito mais influenciado pela relação com o meio interativo, já que a mídia pode ser tomada como um dispositivo, isto é, como máquina de fazer ver e falar (DELEUZE, s.d.) que, entre tantos outros, regulamenta comportamentos ao

inventar a vida cotidiana apresentado em seus discursos como devemos agir, sentir, desejar, lembrar e conviver (PAIVA et al, 2008).

O problema foi construído sob a percepção de que a maioria dos perfis que acesso apresentarem expressões de gênero muito estigmatizadas. Atribuí assim necessidade de observar o perfil desses estudantes, pois considero rico campo investigativo de um sujeito em construção, que apresenta características intrigantes dialogando de formas distintas através da sua auto formação/promoção assim como o desenvolvimento das habilidades sócio interativas que expõe diretamente o adolescente a discursos preconceituosos relacionados a gênero como machismo, sexismo, homo-lesbo-transfobia e outras formas de discriminação e como tudo isso é absorvido na construção do perfil e desempenho dos papéis de gênero.

CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO

2.1. MÉTODO (OU PROCEDIMENTO METODOLÓGICO)

O procedimento será desenvolvido a partir da Cyber etnografia, termo cunhado por Ward (1999) como um método de estudar as comunidades que estão baseadas em um ciberespaço. a autora define cyber-etnografia como "o estudo de interações on-line, permitindo que os sujeitos estudados interajam durante o processo de pesquisa, parte esta essencial daquele método".

Também chamada de etnografia virtual ou netnografia“é um processo que se desenvolve a partir da ação do pesquisador, de suas escolhas dentro do contexto pesquisado e, por isso, não tem uma estrutura rígida, pois depende do que vem do campo de pesquisa”.

Para Hine (2000), a etnografia virtual nos permite responder algumas questões no que diz respeito ao ciberespaço: em relação às capacidades comunicativas e interativas dos usuários; como a Internet afeta as organizações e relações sociais, com o espaço e com o tempo; se a experiência do virtual é radicalmente diferente da experiência do real físico, entre outras. Para esta autora:

“uma etnografia da Internet pode olhar em detalhes para as maneiras pelas quais a tecnologia é experienciada na prática. Na sua forma básica a etnografia virtual também consiste em um pesquisador usando um período de tempo estendido imerso num 'campo de ação', percebendo as relações, atividades e compreensões daqueles que estão nesse ambiente e participam do processo“. Hine (2000, p. 8)

Através deste método foi realizada uma pesquisa exploratória, utilizando dados existentes na rede social Facebook, que determinou possíveis atitudes verificáveis no discurso que indicassem uma assimetria de gênero. Os dados foram referenciados pelo perfil virtual, e as informações contidas neste, todas voluntariamente veiculados pelos próprios usuários.

A pesquisa parte do pressuposto de que é possível identificar algumas características, a partir do cruzamento e interpretação de outras informações explicitadas, que indiquem especificidades na identidade de gênero dos adolescentes. Para isso buscou identificar, no conjunto de informações representadas através de imagens, posts, comentários, compartilhamentos, curtidas, adicionamentos, bloqueios, entre outras ações do Facebook, algumas ocorrências que permitam relacionar a identidade do perfil virtual com as concepções

que o aluno possui sobre gênero. Investigar este espaço de fluxos, que constitui a sociedade da informação (CASTELLS, 2003), é mergulhar num novo espaço antropológico (LEVY, 1999).

2.2 TIPO DE ESTUDO

A abordagem é qualitativa, ou seja, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito em uma subjetividade que não pode ser traduzida em números. Concordamos que esta abordagem seria a mais conveniente, pois, segundo Minayo e Sanches (1993, p.247) permite aprofundar a “complexidade de fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente”.

O delineamento da pesquisa é descritivo-explicativo sob aspecto de levantamento (Survey). Gil (1994) esclarece que esta modalidade de estudo visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, além de estabelecer relação entre as variáveis.

2.3 CENÁRIO DO ESTUDO

Foi realizada no ambiente virtual da rede social Facebook em duas etapas:

- 1- Realização de um questionário online, com perguntas abertas e fechadas, alinhado com todos os objetivos da pesquisa visando analisar a representação social de gênero no Facebook.
- 2- Observação sistemática dos perfis (informações pessoais, grupos, posts, curtidas, compartilhamentos, imagens, vídeos) com o objetivo de identificar especificidades que representem uma assimetria de gênero.

2.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

A população foi concebida por alunos que já fazem parte do meu ciclo social no Facebook. Todos foram adicionados após me enviarem convite (geralmente depois que encerrei meu contrato na escola ou no final do ano letivo, como uma maneira de continuar o contato), sendo importante salientar que a iniciativa de amizade, tomada por eles, sugere um facilitador para a participação no estudo assim como a singela convicção do bom relacionamento existente.

A proposta para participação do estudo foi direcionada para atuais e ex-alunas/os, em seguida selecionou-se o grupo desejado para a amostra, que deveria atender os seguintes critérios:

- **Participantes do estudo:** alunos dos 8º e 9º anos de quatro escolas públicas de Florianópolis. (01 no Continente, 02 na região Sul e 01 na região Norte).
- **Critérios de inclusão:** Alunos que apresentem assiduidade pelo menos semanal e que sejam ativos nas ações oferecidas pelo site: curtir, postar, compartilhar, bloquear, entre outras. O perfil deverá ter sido criado no mínimo há mais de seis meses antes da realização da pesquisa.
- **Critérios de exclusão:** Usuários que sejam pouco ativos no Facebook, não assíduos e com perfil igual ou inferior a seis meses a contar a data de realização da pesquisa.
- **Como será realizada a seleção dos participantes:** Através de convite enviado pelo correio (mensagem inbox) do Facebook.
- **Número de participantes:** 20 alunos: 10 alunas e 10 alunos, (amostra não-probabilística).

2.5 CUIDADOS ÉTICOS (OU ASPECTOS ÉTICOS)

A pesquisa foi conduzida pelo seguimento 466/2012, que orienta o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos no Brasil. Todos os dados coletados, a partir da observação dos perfis selecionados, foram utilizados apenas na exploração do tema e levantamento de informações pertinentes para o desenvolvimento deste estudo.

Por se tratarem de sujeitos com idade inferior a dezoito anos fica impossibilitada a identificação dos mesmos, o único registro que será feito é mediante a apresentação dos posts e comentários selecionados para a pesquisa.

CAPÍTULO III - PERSPECTIVA TEÓRICA

3.1 SUPOSIÇÕES INICIAIS E TRABALHOS ANTERIORES

A pesquisa de trabalhos relacionados foi realizada a partir das palavras: Adolescente/Gênero/Facebook, Na busca nos portais Scielo e Capes, não foi encontrado nenhum documento. Pesquisado então no Google acadêmico o mesmo critério de palavras ofereceu 9.170 resultados, porém estes englobavam trabalhos que citavam um dos termos em qualquer local do corpo do arquivo.

Se colocado o filtro de palavras no título também não aparece nenhum resultado. Foi sugerida pela própria página a busca em toda a web, depois de muita pesquisa e leitura do que poderia ser relevante vale ressaltar os seguintes estudos: as autoras Martha A. Traverso-Yépez e Verônica de Souza Pinheiro trazem uma reflexão a respeito do permanente processo de construção da subjetividade adolescente, a partir das experiências de vida compartilhadas nas diferentes; Mauro Carvalhofaz algumas considerações psicossociais a respeito da construção das identidades de adolescentes no espaço escolar quando afirma as identidades estão intimamente vinculadas à classe social, gênero, etnia, raça, sexualidade, idade além de outras categorias presentes nas relações sociais; Laura Fogaça e Josiane Tonelotto apresentam uma avaliação do comportamento social em um grupo de escolares, e verifica as diferenças entre os mesmos tendo em vista aspectos como sintomas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade, problemas de relacionamento com colegas e comportamento pró-social a partir de uma distinção de gênero; a autora Raquel de Andrade Souza apresenta um recorte de como os adolescentes utilizam as mídias sociais, através da ferramenta do facebook, no processo de construção de narrativas de si dentro do espaço virtual e Mariana Paula Oliveira busca conhecer o universo das relações virtuais dos adolescentes através da internet.

Em função do limitado número de trabalhos com o mesmo interesse de estudo buscou-se a pesquisa isolada para embasamento teórico distinto dos termos adolescente, gênero e rede social-facebook. A intenção era montar uma linha conceitual que interseccionasse os mesmos. Para isso foi utilizada a bibliografia citada nas diversas referências feitas ao longo da conceituação dos termos Adolescente, Gênero e Facebook o que prova que, individualmente, há um vasto corpo de trabalhos abordando cada um dos recortes apontados.

A constatação da tímida exploração do tema articulando a discussão para o peso da influência das interações adquiridas virtualmente na construção da identidade de Gênero adolescente sugere uma necessidade de trabalho e pesquisa.

Para o pesquisador Antônio Sidekum (2003), a identidade de um grupo social é constantemente construída e reconstruída, "negociada" num processo de interação social. Nessa afirmação está assentada a proposta referencial do trabalho, quando apontamos que os pressupostos analíticos dos elementos fundamentais para o estudo circundam uma perspectiva análoga a atuação simultânea e convergente de cada elemento para a percepção que o adolescente tenha sobre seu gênero.

Toda a interferência social realizada ou sofrida pelo sujeito interage em sua própria constituição, está presente como parte integrante de um todo que concebe objetos complexamente subjetivados (adolescência/adolescente, ambiente virtual, gênero). Essa "subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro do social" (Guattari & Rolnik, 1996, p. 31), dialogando na formação do processo identitário a medida que:

Os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos, ou como um bloco de determinantes consolidados, que adquirem o status do "objetivo" diante da subjetividade individual, para serem vistos como processos implicados dentro de um sistema complexo, a subjetividade social, da qual o indivíduo é constituinte e, simultaneamente, constituído. (REY, 2003, p. 202).

O indivíduo na pesquisa foi adotado como recorte do público alvo → adolescente que, sob análise discursiva, também foi seccionado a partir da categoria gênero; do extrato de classe social/etário: sistema público → ensino fundamental → anos finais; das implicações e influências do ambiente sócio-histórico representado nas estruturas Escola e Família e, por fim, das interações sociais registradas no refinamento do *Locus*: Mídia → Redes Sociais → Facebook.

O adolescente transitou da categoria sujeito social para o recorte específico da categoria gênero, com a análise constituindo o adolescente como sujeito instituído historicamente pela sociedade, considerando como foco não seu desenvolvimento biológico, mas sua construção sociocultural de indivíduo.

Para isso optou-se que a fundamentação teórica amparada pelo conceito sociológico, a partir dos estudos de autores como David Levinsky (1995), Melucci (1997), Bajoite Franssen (1997), Peralva (1997), Calligaris (2000) e Becker (1989), buscando evidenciar o caráter proativo do sujeito adolescente na sua constituição identitária. Estes autores apresentaram a adolescência sob aspectos que a distinguiam além do desenvolvimento natural. A escolha está relacionada ao interesse do estudo em explorar a constituição

identitária adolescente, inserindo o contexto sociocultural que foi explorada por eles, como importante para esta etapa.

Foi tomada como linha de estudo a abordagem pós-estruturalista, recorrendo inicialmente a Stuart Hall(1997/2007) e as três concepções de identidade apontadas por ele. Ainda nesse caminho a intenção de se delimitar os recortes elementares para o trabalho foi apoiado por Tomaz Tadeu da Silva(2011) dialogando com sua divergência do conceito constitutivo natural, apresentando o pensamento dicotômico sobre a intrínseca relação de *Identidade e Diferença*. Na conceituação de identidade a divergência teórica foi baseada na abordagens moderna e pós-moderna, buscando um debate com Rouanet(1987), Baudrillard (1998) e ZygmuntBauman(2005) e sua crítica à abordagem pós modernistas, concordando com este quando defende que a identidade é um atributo "negociável e revogável". Nesta interpretação busca-se aproximar a fluidez inconstante da construção do sujeito como recorrente no processo constitutivo adolescente.

Por último, propõem-se autores contemporâneos para o desenvolvimento das discussões sobre gênero, iniciando pelas contribuições de Foucault(1990) quando aborda as tradicionais características de poder nas relações de gênero; o conceito binário de gênero apontado por Scott(1995); a performatividade explorada porButtler(2003) como processo de normatização/exclusão do sujeito-identidade e Louro(2007) ao articular o papel da interação social na identificação do masculino e feminino, para finalmente, buscar articular os conceitos defendidos nos estudos selecionados como relevantes para a compreensão de quem é esse adolescente sob a ótica social de imbricações correlacionadas das estruturas Família e Escola.

Demarcada essa relação o interesse então discorreu concebendo agora o ambiente virtual como *locus* (ocasional/recreativo/integral) em que o sujeito existe e dialoga, utilizando mecanismos de intermediação nas relações sócio interacionais, aceitando o fenômeno do cybercultura como um elemento transformador das relações dos homens com a tecnologia e entre si (GUIMARÃES JR,1997).

Tenta-se nesse ponto discorrer sobre o acesso a novas tecnologias e sua influência na expressão/papel de gênero representado pelo adolescente.

3.2 REVISÃO DA LITERATURA

3.2.1 CONCEITUANDO ADOLESCENTE

Para a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), a adolescência compreende a segunda década da vida (10 aos 20 anos), mesmo critério adotado pelo Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2007a) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2007b). Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, este período vai dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 2007c).

A descrição do que é adolescência pela OMS e o critério essencialmente simples do conceito do termo adolescente (apenas pela referência etária), não atende aos pressupostos necessários para a definição do grupo selecionado para o estudo. O enfoque do trabalho seguiu um critério mais abrangente ao concordar com o encadeamento discursivo que transcende o aspecto do desenvolvimento físico para as complexas apropriações socioculturais: "a adolescência começa na biologia e termina na cultura" (MUSSEN & COLS., 1995).

Assim, tomando-se o termo adolescente construído na teoria das Ciências Sociais, considera-se a adolescência uma categoria sociocultural, ou, como afirma Cavalcanti, "a puberdade é um conceito biológico, enquanto adolescência é um conceito sociológico" (CAVALCANTI, 1988, p.9).

Foi então apresentado o processo de desenvolvimento do sujeito adolescente, de forma discordante do modelo universal enfatizado por trabalhos que tomaram a adolescência como objeto de estudo, a partir da visão psicanalítica, já que a adolescência vem sendo representada como um período capaz de expressar aspectos do momento histórico e dos contextos, social e cultural, contemporâneos (Justo, 2005).

Nessa avaliação, fica entendido que mesmo concebida a universalidade da adolescência, como etapa do desenvolvimento humano, observa-se que ela depende de uma inserção histórica e cultural, que determina, portanto, variadas formas de viver a adolescência, de acordo com o gênero, o grupo social e a geração (Martins & cols., 2003). Essa afirmação corrobora com Serra, ao sugerir que "há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente" (SERRA, 1997, p. 29).

Existe um conflito de ideias que contrapõe visões distintas da adolescência em definições que conferem uma perspectiva de desenvolvimento universal ou individual, sendo esta necessariamente construída no contexto sociocultural. A quantidade de estudos que utilizam a constituição médico e psicológica é considerável, daí a afirmação que:

"...embora os trabalhos científicos sobre a adolescência apontem seu caráter histórico, os textos médicos sobre a saúde do adolescente e sobre as características

das práticas para ela voltadas revelam uniformidade surpreendente. São unânimes as referências a um padrão "típico" de Adolescente, em termos de suas necessidades de saúde e das formas de relação deste com os serviços, de forma geral..."(AYRES, 1990)

Mesmo encontrando grupos sociais que compreendem a criança/ adolescente como um ser menos importante, que ainda não adquiriu o status de pessoa (Morais, Cerqueira-Santos, Moura, Vaz &Koller, 2007) ou que retomem concepções ultrapassadas como a de que "as crianças e adolescentes eram considerados adultos em miniatura" (Garrod, Smulyan, Powers&Kilkenny, 1995), o trabalho reivindica a posição socio-histórica do adolescente concordando com Sprinthall& Collinsquando admitem que, à medida que os governos tomam consciência da importância de se proteger o desenvolvimento do ser humano, a adolescência torna-se um período mais identificável no ciclo vital (SPRINTHALL & COLLINS, 1999).

Projetando o adolescente como sujeito histórico, em um espaço de interação globalizada e instituída temporalmente no contexto da pós-modernidade, o estudo investigou contribuição dos ambientes escola/família/facebook, relacionando as possíveis especificidades que cada um introduz na identidade deste aluno em sua expressão de gênero, reconhecendo que seu desempenho talvez satisfaça uma demanda que o identifica não como o sujeito (nomeado no estudo), mas como objeto dessa cadeia global.

3.2.2 DEFININDO IDENTIDADE

Se de início buscássemos considerar o enfoque psicológico dado à constituição da adolescência poderíamos recorrer a divisão de papéis que segundo Aberastury e Knobel (1981), teria como tarefa principal a busca pela identidade sexual, social e psíquica. Esse conceito aparece mais abrangente nos estudos de Ericsson, que institucionalizou a adolescência caracterizando-a como uma fase especial no processo do desenvolvimento, (Erickson, 1976, p.128).

David Levinsky (1995) conceitua a adolescência como uma fase do desenvolvimento evolutivo, mas esse desenvolvimento agora é desintegrado da noção do natural e cerceado por outras variantes que podem influenciar o registro desta etapa para a vida adulta de acordo com as condições ambientais e de história pessoal. Domingues e Alvarenga (1991) também registram a adolescência como uma fase para o ingresso na vida adulta.

A definição de etapa/fase aparece em vários autores, sendo que as pequenas diferenças que se pode apontar entre os estudos são que 1) Outeiral (1994) reivindica a

definição da identidade na adolescência e que esse percurso é vivido sob forma de imensa contradição e ambiguidade; 2) Melucci (1997) pressupõe que a dimensão do tempo é significativa e contraditória para a construção da identidade; 3) Bajoit e Franssen (1997) inserem a perspectiva do mercado de trabalho como marco crucial de instituição identitária; 4) Peralva (1997) hierarquiza as relações processuais; e 5) Becker (1989), como mencionado anteriormente, mapeia uma transição de “simples espectador para uma outra ativa, questionadora. Que inclusive vai gerar revisão, autocrítica, transformação” (Becker, 1989, p.10).

Aprofundando um pouco mais essa primeira fundamentação, aparece Calligaris conferindo um caráter mais concreto de análise quando afirma:

“[...] Numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto. Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto”. (CALLIGARIS, 2000, p.21)

Teríamos o início de uma abordagem sugestiva da falta de definições constantes, tanto da identidade social quanto de gênero. Apontamos também uma relação conceitual comparativa com o olhar do sujeito adulto e sua suposta incompreensão do que significa a etapa, etapa esta que ele mesmo já ultrapassou.

Nesse leque de relações é possível articular as propostas de entendimento que afirmavam a construção das estruturas identitárias dinâmicas, mutáveis, múltiplas, construídas e reconstruídas constantemente, que consideram a adolescência não só como uma construção social que vai estar dimensionada sempre pelo recorte sociocultural, mas também como uma definição do próprio sujeito (TRAVERSO-YÉPEZ e PINHEIRO, 2002); também seria uma etapa-chave de definição do *habitus social* entendido como o universo simbólico que gera o estilo peculiar de pensar e agir individual.

Cada contribuição social para o processo identitário atua como marcador característico individualizado que, a partir de um processo pessoal, se configura também historicamente quando alinhava intersecções vivenciadas nesta etapa de vida em diferentes espaços sociais. Estes espaços são entendidos aqui como possíveis norteadores de padrões sociais que o adolescente absorve e reproduz. Brandão citando Whetten e Godfrey reforça esta hipótese quando afirma:

Os acontecimentos da vida de cada pessoa geram sobre ela a formação de uma lenta imagem de si mesma, uma viva imagem que aos poucos se constrói ao longo de experiências de trocas com outros: a mãe, os pais, a família, a parentela, os amigos de infância e as sucessivas ampliações de outros círculos de outros: outros sujeitos investidos de seus sentimentos, outras pessoas investidas de seus nomes, posições e regras sociais de atuação (BRANDÃO, 1990, p. 37).

3.2.3 A CATEGORIA GÊNERO

Para Jacques (1999), as identidades, como processo de definição e de autodefinição que o sujeito estabelece com sua cultura, comportam as mais diversas significações e interpretações. Ciampa (1984) argumenta que nesta construção não podemos isolar os elementos biológicos, psicológicos e sociais que caracterizam um indivíduo, de suas representações acerca de si mesmo.

Seguindo esse raciocínio a abordagem do trabalho primeiramente retomou a noção de Joan Scott (1995). Essa autora buscou desintegrar o determinismo biológico que marca as relações de gênero em contextos hegemônicos e com padrão heteronormativo e sugeriu o conceito de gênero como "um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos". Estabelecido esse eixo teórico, articulou-se a discussão de gênero ao universo da adolescência.

Indivíduos tão diferentes como os adolescentes proporcionam a convivência com um grupo em constante mudança, que naturalmente cresce e se modifica, mostrando características que não se resumem apenas ao recorte biológico. A personalidade deste adolescente dialoga com o perfil que ele mesmo constrói, mas que muitas vezes é ignorado pelo professor. A homogeneização que é feita do sujeito adolescente invisibiliza distinções marcantes que deveriam estar permanentemente em estudo e presentes na prática pedagógica.

A única distinção feita é a representação de gênero instintivamente relacionada ao sexo, à abordagem de aspectos biológicos da sexualidade (aparelho reprodutor, reprodução, doenças sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos), geralmente abordados pelo professor da área de Ciências, prevalecendo a representação que "ensina a normalização das expressões de gênero, o modelo do casal heterossexual reprodutor, a família nuclear, a hierarquização dos gêneros, a exclusão de orientações sexuais diferentes etc." (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 180). Vivemos, portanto, tensão constante entre

oportunidades infinitas de singularização e a insistência poderosa de modelos identitários (subjetividades-clone) (GREGOLIN, 2007) marcados pelo determinismo biológico.

Existe uma prévia distribuição de papéis que sugere um padrão de personalidade, comportamento, atitudes, opiniões ideais para homens e mulheres, um discurso reproduzido desde cedo. Nesta identidade possivelmente os padrões se repetirão, sendo conduzidos por normas pré-estabelecidas, repassando tradicionalmente modelos heteronormativos, através dos valores defendidos pelo ciclo familiar:

O meio social pressiona a criança a adotar os comportamentos culturalmente específicos ao seu sexo, sobre a base de reforços positivos e negativos: [...], por exemplo, a menina receberá aprovação se ela se comportar em conformidade com as meninas e as mulheres de sua cultura. Inversamente, ela será reprovada e seus comportamentos serão reforçados negativamente se tentar adotar comportamentos codificados culturalmente como sendo masculinos. Por um processo de generalização, a criança chega então a integrar pouco a pouco os papéis que dela espera o meio social (LE MANER-IDRISSI, BARBU E MALUF, 2004, p.16-17))

O desempenho de papéis de gênero pré-estabelecidos é enfatizado e também controlado através de um discurso dominante. Segundo Foucault, os discursos são regidos por intrincadas relações de saber e poder. Poder que age nas práticas mais simples e cotidianas, no nível dos indivíduos, atingindo seus corpos, inserindo-se em seus gestos e atitudes, discursos e aprendizagem (FOUCAULT, 1979). Ele ainda articula a relação entre os possíveis papéis apresentados na sociedade com duas tecnologias de poder que passeia entre o controle do corpo e na própria vida/população:

Uma técnica que é centrada no corpo, produz efeitos individualizantes, manipula o corpo como foco de forças que é preciso tornar úteis e dóceis ao mesmo tempo. E, de outro lado, temos uma tecnologia que, por sua vez, é centrada não no corpo, mas na vida; uma tecnologia que agrupa os efeitos de massas próprios de uma população.
(Foucault, 1990)

Mesmo o sujeito circulando constantemente em diferentes espaços, a família é um dos mais decisivos modeladores. Outros autores corroboram a influência da estrutura familiar como influenciador na distinção e adoção do gênero que o indivíduo venha a ter: “É nos espaços de convivência cotidiana, mais particularmente a família e a vizinhança, que meninos

e meninas aprendem e internalizam seu gênero, de acordo com aquilo que a ‘sociedade local’ exige que sejam...” (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p. 351)”.

No entanto a modernidade, e seu parâmetro de globalização, reconfigurou o peso de algumas estruturas, pois aos poucos o ambiente virtual expande sua participação na formação do sujeito, ocupando um espaço inicialmente representado pela televisão, a observação apoia-se em Malva quando afirma: "Constatamos, num passado mais recente, que a família começa a perder o controle em vários domínios, enquanto os meios de comunicação reforçam os papéis convencionais da vida adulta ligados à identidade sexual" (Malva, 2011).

Sendo então a mídia agora, importante marcador de construção identitária, é possível concluir que este ambiente também estipule modelos normatizados. Nascimento nos responde conduzindo a padronização destes sujeitos para a satisfação das necessidades de outro ambiente, o Mercado:

As representações sociais que se formam a partir das inúmeras informações, mediadas, sobretudo pela mídia, não fornecem condições para que o adolescente planeje e articule ações como uma forma de superação da condição ou situação vivida, uma vez que estas informações se destinam muito mais à construção de modelos estereotipados de comportamentos para atender as demandas de consumo. (Nascimento, 2002, p. 71).

3.2.4 REDE SOCIAL FACEBOOK

A rede social escolhida como ambiente para o estudo foi o *Facebook* por ser "uma das ferramentas mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Tal interação surge basicamente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão, pelo uso de aplicações e jogos" (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, p. 594).

Há uma constante interação coletiva que insere nosso pesquisado em conexões interpessoais, e há uma necessidade de ser visto e ouvido. Este sujeito histórico agora é nomeado como "nativo digital", termo utilizado pelo pesquisador Marc Prensky para designar os “falantes nativos” da linguagem digital, "adolescentes que estão acostumados a interagir com diversas mídias praticamente desde que nasceram" (PRENSKY, 2001).

Este aluno utiliza as redes sociais para se representar, se construir e reconstruir. Ao dispor seu perfil na rede social, o que é apresentado pelo sujeito faz parte de uma construção social disposta virtualmente. Nesta específica relação interativa (consigo mesmo e com o outro) indivíduos se auto constroem, quando elaboram seu perfil, através do recurso das novas

tecnologias, sendo esta facilidade disposta como a fábrica que possibilita que possibilita inúmeras reconstruções, reforçamos esta ideia citando Deleuze e Paiva quando afirmam respectivamente: "Tomamos assim a mídia como um dispositivo, isto é, como máquina de fazer ver e falar (DELEUZE, s.d.) que, entre tantos outros, regulamenta comportamentos aoinventar a vida cotidiana apresentando em seus discursos como devemos agir, sentir, desejar, lembrar e conviver (PAIVA et al, 2008).

Em muitos casos, essas supostas especificidades levantadas instam "por produzir formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos de um modo particular de existência." (LARROSA, 2010). Nesse caso, a preocupação foi dirigida para particularidades que apresentem características específicas na identificação do gênero que o sujeito pertence. Admitindo-se assim que, sejam quais forem suas atribuições e singularidades, estas certamente também serão influenciadas a partir do meio virtual ao qual ele voluntariamente se expõe e pelo qual interage, neste moderno ambiente tecnológico.

A pós modernidade criou um novo espaço, o ciberespaço: o espaço virtual. Tantas possibilidades de conexões nem sempre representam somente vantagens, como já foi apontado pelo pensador ligado à pós-modernidade Pierre Levy (Levy, 1995): "A força e a velocidade da virtualização contemporânea são tão grandes que exilam as pessoas dos seus próprios saberes, expulsam-nas de sua identidade."

Souza (2012) também critica a praticidade interativa moderna quando condensa a postura de autores pós-modernos ao escrever: "E, com as tecnologias da comunicação, o planeta inteiro está conectado. Basta possuir um celular, notebook ou um tablet. Mil funções em um único aparelho no qual cabe uma escandalosa porcentagem da vida de uma pessoa. O espaço se pulverizou a olhos vistos".

Mas não devemos conceber que todos os nossos alunos convivam ativamente no meio tecnológico, no entanto se uma grande parcela está inserida na dimensão virtual, sendo atingida pela influência deste, esta exposição não deve ser ignorada pela escola, principalmente se considerarmos o que configura historicamente a relação sujeito-espaço.

Bauman registrou que nem todos são favorecidos ou inseridos no desenvolvimento tecnológico quando apontou que "a velocidade e a facilidade das comunicações e o ciberespaço, progresso fantástico e inevitável, fica a serviço do capital e não do social, onde ao mesmo tempo que aproxima, exclui do progresso social grandes parcelas populacionais" (Bauman Z, 1998).

Ele também questiona as condições em que esta identidade é construída quando avalia sua dimensão espacial como *Modernidade Líquida* (termo designado por Bauman para nomear a "fluidez" das relações em nosso mundo contemporâneo referindo-se ao conjunto de relações e dinâmicas que se apresentam em nosso meio) ao relatar que "O indivíduo pós-moderno enfrenta problemas representados pela perda do eu, pelo sentimento de vazio, pela insegurança, pela monotonia, pela inutilidade, pela infelicidade, pela crise de autoestima e pela perda do sentido da vida" (BAUMAN, 2001).

Diante desta assertiva Rolnik descortina possíveis problemas, criados a partir dessa interação global, ao afirmar:

A mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais, fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade. (Rolnik, 1997, p. 19)

O mesmo cenário é descrito por Renato Ortiz (2005: 146) quando aponta: "A globalização das sociedades e a mundialização da cultura fazem parte de um processo que atravessa as sociedades nacionais. Ela corresponde, portanto, à formação de outro tipo de singularidade social (a "sociedade global")".

Se nosso sujeito aqui está em formação, qual o impacto das tecnologias modernas sobre ele? Questionar as influências deste espaço tanto na constituição quanto nas relações que o adolescente articula projeta um universo de vários valores que compõem este indivíduo. "O sujeito (pós) moderno é o resultado do cruzamento dessas múltiplas dinâmicas e das múltiplas culturas que o contêm" (SILVA, 1996, p.191).

Então se todos estes problemas rondam nosso sujeito da pesquisa, até onde sua representação é ajustada/modificada para satisfazer o padrão do moderno ambiente interativo? Arriscamos a resposta corroborando ainda com Bauman que afirma: Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer "natural", predeterminada e inegociável, a "identificação" se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um "nós" a que possam pedir acesso (2005, p. 30).

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 COLETA DOS DADOS

A pesquisa foi individual e participante. Realizada através de observação, análise e comparação das informações presentes no perfil do usuário. Consistiu basicamente na observação dos perfis e interação com seus respectivos usuários. A ação investigativa foi realizada em horários variados, respeitando a disponibilidade da autora, geralmente era no período noturno após as vinte e três horas. Também foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas, enviado inbox pelo messenger do aplicativo. As respostas deste questionário foram compiladas de acordo com a sua semelhança. Nesta perspectiva foram enumeradas as respostas construídos gráficos e tabela, objetivando se achar o percentual que cada ocorrência representaria.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS (OU PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS)

Na análise e discussão, os resultados traçaram uma relação entre os dados obtidos, o problema da pesquisa e o embasamento teórico. Os resultados foram divididos por tópicos com títulos logicamente formulados. Para análise dos dados do questionário selecionamos como técnica de apreciação dos dados a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

A observação ocorreu de setembro a outubro de 2016, concentrando-se principalmente nas mensagens, compartilhamentos, imagens e comentários. A busca filtrou as informações levando em conta ocorrências ou exemplos de ações que pudessem estar relacionadas a posturas e/ou discursos que fizessem apologia ao machismo, sexismo, racismo, violência de gênero, feminismo sendo validada como útil para a pesquisa desde que excluísse qualquer possibilidade de interpretação duvidosa.

A seguir encontram-se elencados exemplos de mensagem/comentário/post colhidos durante a pesquisa, relacionados sob o critério de maior ocorrência. Estas ações específicas foram selecionadas baseando-se apenas nos conteúdos visíveis da página, e, para facilitar a associação com os temas de discussão propostos pela autora, foram mapeadas as seguintes características:

PERFIL MASCULINO

→ A figura da mãe - expressão de afeto e carinho:

A maioria das expressões de afeto está dirigida geralmente à mãe, o teor contém principalmente mensagens de agradecimento e carinho expressando também, implícita ou abertamente, um pedido de desculpas/perdão. A pesquisadora ressalta o fato de o sujeito masculino sentir-se à vontade para assumir sua condição de dependente do carinho e amor da figura materna, ao mesmo tempo em que suas declarações redirecionam a imagem dessa mulher como uma espécie de ser “sagrado”, ao qual se deve respeito. Esse sentimento não é reproduzido nas relações com outras mulheres o que sugere uma contradição na imagem que ele tem do gênero feminino: ao mesmo tempo em que reconhece a superioridade da mãe e enaltece o leque de qualidades que ela representa, ele rejeita esta mesma condição e tratamento as demais mulheres.

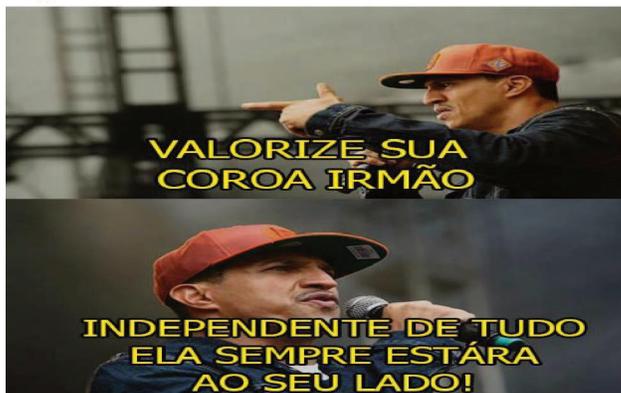
Figura 1



**MÃE
SEM PALAVRAS
A SENHORA É
UMA
RAINHA**

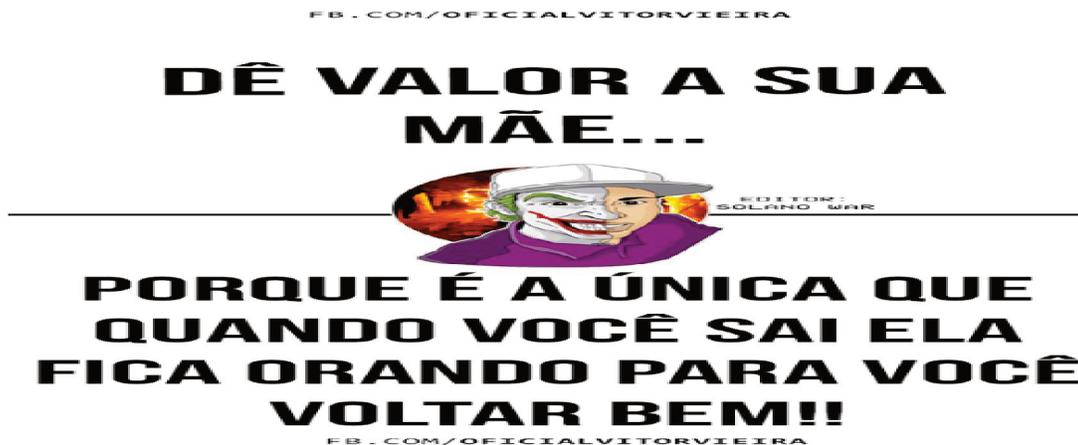
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

"Sei que todo esse tempo eu te fiz mais corar do que sorrir. Mas suas lágrimas me fizeram quem sou hoje, e o sorriso de amanhã será graças a elas.... Te Amo Coroa....."

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 2

"DESCULPA MÃE POR CADA SITUAÇÃO ANDREIA CRISTIANE É O NOME DO MEU CORAÇÃO, SOU FILHO DE UMA HEROÍNA, GUERREIRA E TRABALHADORA AINDA TE BATO NUM CASTELO E APOSENTO A SUA VASSOURA. POR TER ME FEITO QUEM EU SOU SEM VOCÊ NÃO SOU METADE.... INDEPENDENTE DE ONDE EU FOR, O SENTIMENTO É VERDADE....
ELA ME FEZ NASCER, ME VIU CHORAR, ME FEZ CRECER, ME DEU UM LAR... QUERO QUE SAIBA QUE SEMPRE ESTIVE AO SEU LADO, MESM ERRADO EU NUNCA FUI MAL CRIADO...."

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 3

"Amor maior só de mãe, não consigo pensar em minha vida sem uma rainha dessa no meu lado a mulher que eu amo mais que tudo nessa vida ❤️😂👏"
[#maeLinda](#) [#teAmoDeMais](#)

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ **Amizade entre eles como um vínculo forte e duradouro.**

Outro personagem recorrente nas postagens realizadas são os amigos, representados aqui pelo mesmo sexo e gênero. Em nenhum perfil masculino foi encontrado postagens que ressaltassem o sentimento de amizade e afeto por pessoas do sexo feminino. A amizade é bastante valorizada entre eles, mas somente é exposto-compartilhada no próprio grupo dos garotos vindo enfatizada através de mensagens que reforçam a união, confiança e segurança que a presença do grupo oferece.

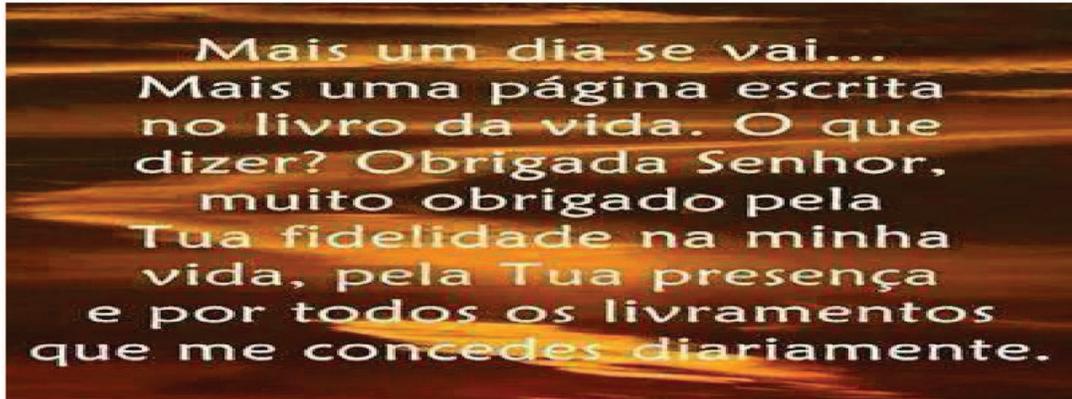
Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

Muita fé naquele que tá lá em cima" 🙌🙏 #BoaTardeTd2

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

➔ Referência ou apologia ao crime e/ou a vida criminosa:

É comum a ocorrência do discurso que, de forma sutil ou aberta, faça referência ao crime e a facções criminosas. A maioria das frases são trechos de músicas do estilo *rap* ou *funk*. Fica a dúvida se estes posts apenas refletem uma afinidade dos adolescentes com as mensagens contidas nas letras ou se estes se expõem conscientemente, como apologia ao crime, estando ou não estes adolescentes inseridos em algum grupo que pratique ou defenda atividades ilícitas e/ou criminosas.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

Iphone 6 ta quase 5 mil reais?
Se eu der 5 mil reais
pros mano da quebrada
eles me trazem uma hornet
um iphone
um ps4
e se pá, um cadaver.

3:31 AM · 07 abr 16

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 2

"Deixa que ironia,que contradição,o rico me odeia e financia minha munição,que faz faculdade,trabalha no escritório,me trata como se eu fosse um rato de laboratório..."

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 3

"Barquinho de tijolo havainas de sola rasgada,suor escorrendo no rosto,a dignidade intacta. Não serve mais,de inspiração os moleques sonham com carro os moleques sonham em ser

patrão.... Em meio a guerra civil salve-se quem poder, seja de ponto, detoca, fuzil, garrado com Lúcifer... Bandido de bala-crava verdade o tempo não para, na busca dos milhões quantos qui não acabaram na vala..."

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 4

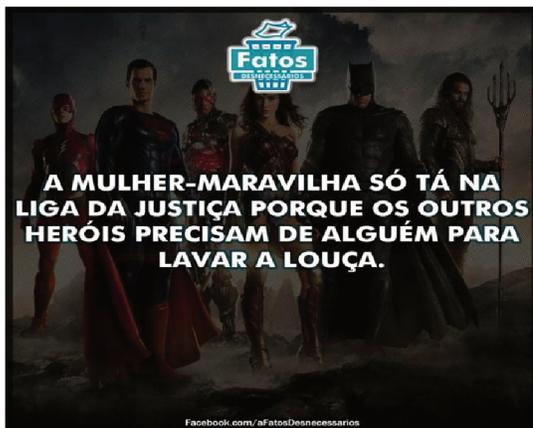
Quando é hora de ronda morador fica olhando, mas pode ficar tranquilo, que a tropa só tá passando. Tem meiôta temos glock e temos três oito zeroooo.... Se tu peita o novato, vai morar no semitério.....

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Atitude, comportamento ou opinião machista:

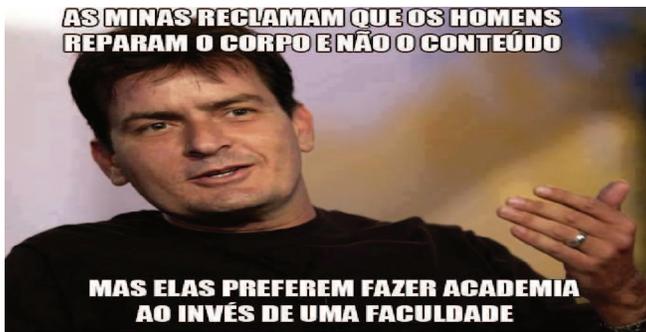
Ficou explícita a opinião machista em relação à mulher, sendo esta apresentada em posts que explicitamente expõem a figura feminina em condição de subserviência, inferioridade, fraqueza, entre outras.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

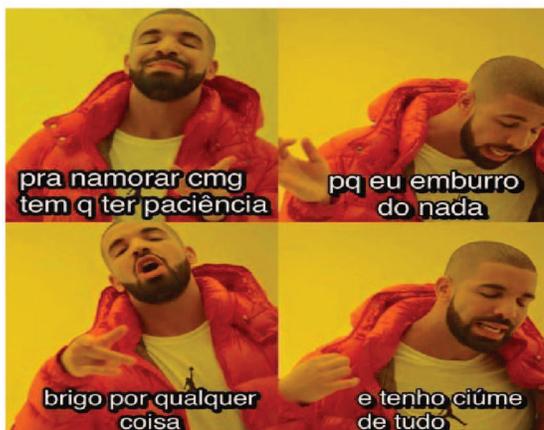
Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

A masculinidade aparece relacionada à condição natural de ser ciumento, briguento, impaciente entre outras características. Através de piadas irônicas são ressaltadas qualidades questionáveis de caráter, que lhe conferem requisitos específicos para ser um “homem de verdade”.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 5



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 6



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Existe uma recorrente exigência que a mulher apresente uma conduta inquestionável e que, caso isso não ocorra, sua segurança/vida automaticamente pode sofrer consequências aqui consideradas justas e compreensíveis.

Postagem 1

"Talarico não existe quando a mina é firmeza e de resposta. 🤔 👩 🙌 🕊️ 🌸 "

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 2

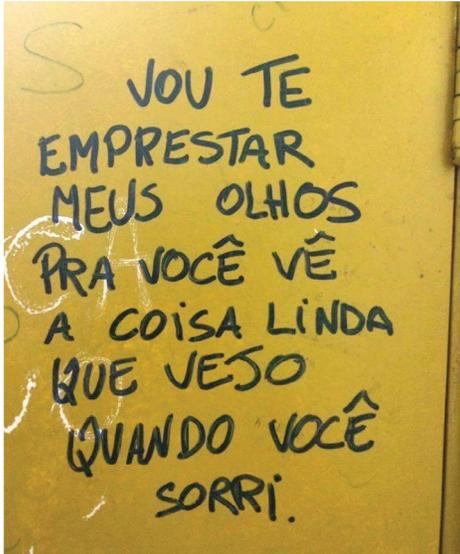
"Não há perdão pra traição, e a sentença é o caixão.."

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Em apenas um dos perfis dos garotos foi encontrado referências a relacionamento amoroso, nos restantes não houve ocorrência sistemática que representasse alusão a ligações afetivas ou que pelo menos ressaltasse a importância da amizade estabelecida com meninas, exceto as que pertencem ao núcleo familiar: irmã, prima, sobrinha, afilhada etc.

O garoto que apresenta várias postagens relacionadas à namorada geralmente declara-se através de imagens e também em frases utilizando letras de músicas ou em mensagens de sua autoria.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Este garoto também constantemente faz posts onde há uma interessante diferença, se considerarmos os outros garotos, ele apresenta a mulher (sua namorada) como uma pessoa livre, independente e discordante do modelo apresentado nos outros perfis masculinos.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

Sua felicidade me deixa feliz, seu sorriso me faz sorrir e seu beijo me faz esquecer completamente o mundo.. Minha Princesa 🧑🏻🧑🏻❤️🖤😘🥰🥰

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 2

Uma vida boa é aquela inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento. 🧡
O segredo da felicidade é encontrar a nossa alegria na alegria dos outros

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Aborto e sexualidade feminina

Em nenhum perfil masculino foi encontrado discurso de defesa a legalização do aborto, pelo contrário, as opiniões contrárias são recorrentes, estando nítida oposição machista que retira da mulher o direito a decisão, sendo esta reivindicação até motivo de piada para um

dos pesquisados. A referência à sexualidade feminina é ridicularizada quando se destaca as escolhas que uma mulher pode fazer em relação ao seu direito de administrar sua vida como quiser.

Figura 1



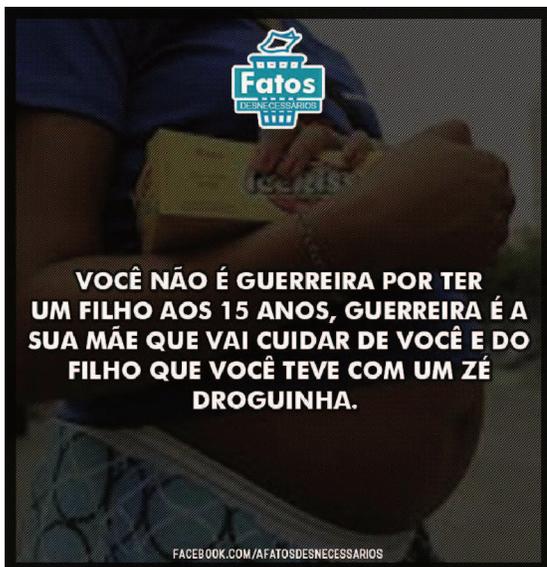
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 1



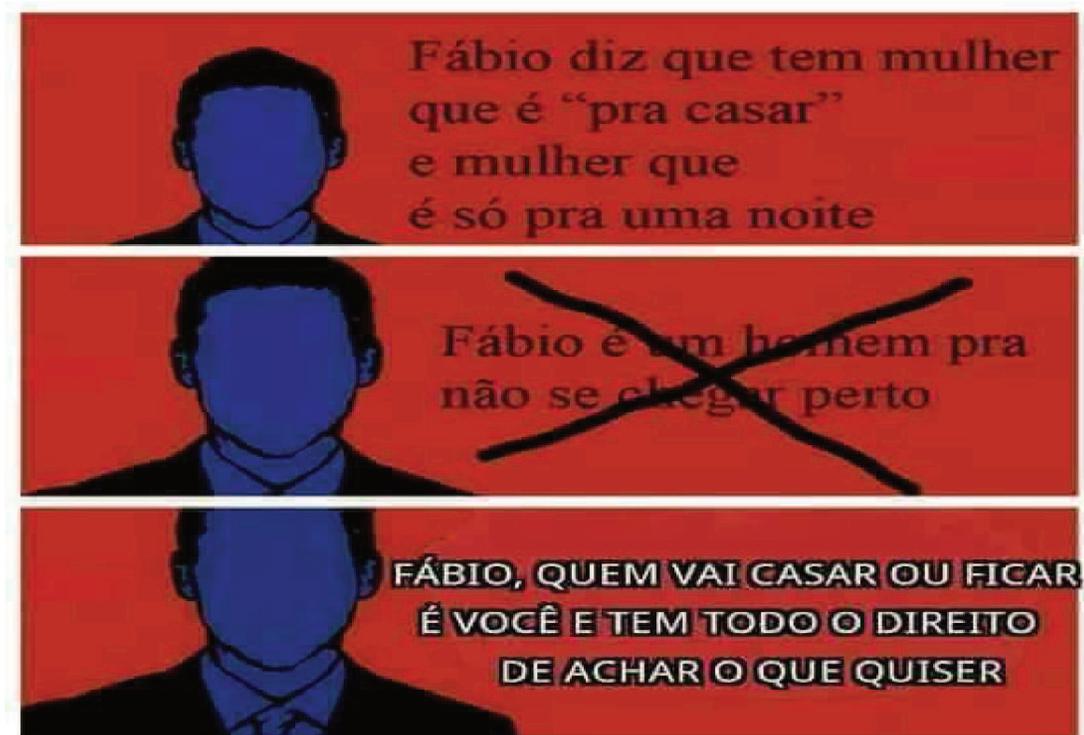
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ **Liberdade sexual**

É enaltecida a visão tradicional relacionada à figura feminina no que representa sua sexualidade. Existe aqui a reprodução exata do discurso onde a sexualidade da mulher requisita qualidades específicas como modeladoras de caráter e que a falta destas representa uma vida permissiva e discordante do que espera da mulher ideal. Ao mesmo tempo em que ao homem continua a garantia do direito a exercer sua vida sexual da forma como desejar.

Figura 1



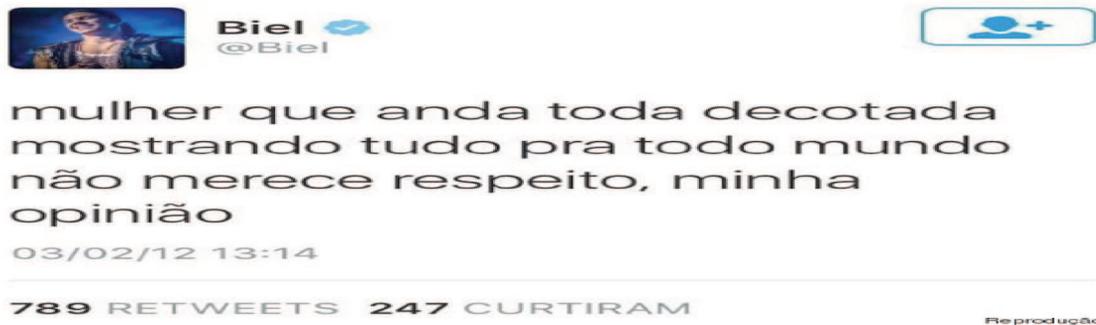
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 2

"Eu acho engraçado quando vejo uns mano beijando a quela boca que vivia me mamando 🙄.

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Ridicularização do movimento feminista

A aparente desvalorização da figura feminina relacionada ao exercício de sua sexualidade ou liberdade sexual é também retratada em piadas, como discurso antifeminista. É muito confusa a opinião que os garotos possuem sobre o que seja o Feminismo e todas as referências foram negativas e discordantes.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



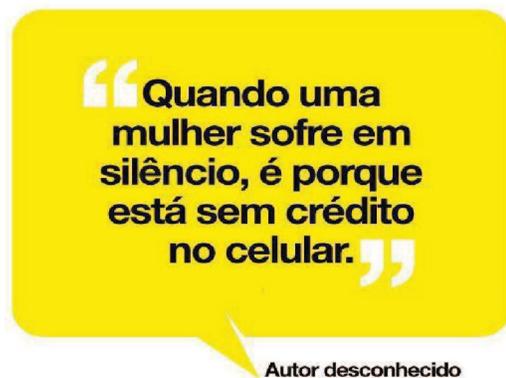
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

PERFIL FEMININO

→ Liberdade sexual, sexualidade e direitos reprodutivos:

A maioria dos perfis femininos fez menção a temática do aborto e a sexualidade. É facilmente notada a discussão do que são direitos garantidos para a mulher hoje e de como ainda há muita diferença entre o modo como um homem pode viver sua sexualidade e de como a mulher deve viver a sua. Todas as pesquisadas defendem que a mulher precisa ter seu direito a liberdade de viver a vida da melhor forma que queira e que não deve ser julgada por isso. Através de posts reprodutores de páginas que abordam este assunto, as garotas expõem sua opinião de forma segura, muitas vezes como recado direto ao protagonismo opressor.

Figura 1



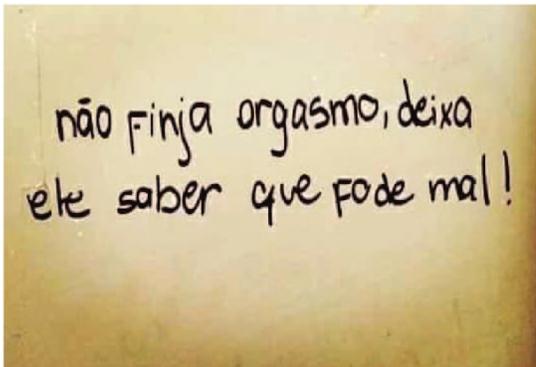
alasca

@scodewlarios

"mulher que fica com voce e depois com seu amigo é o que?" eu nao sei vcs mas eu chamo de solteira

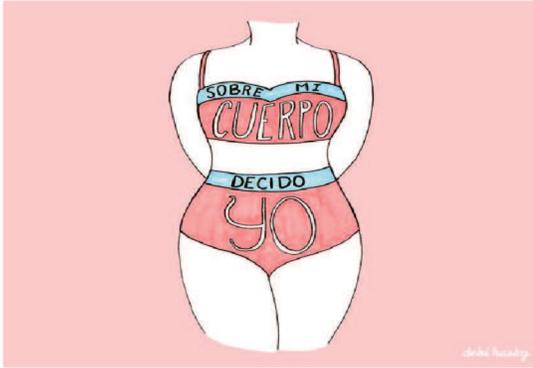
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Existe um discurso que reivindica o direito feminino ao aborto assim como os deveres dos homens em relação ao exercício da paternidade. A contradição discursiva exposta entre os diferentes tratamentos que se dá em relação à mulher e ao homem denuncia um sistema punitivo que imputa culpa e responsabilidade apenas à mulher.

Figura 4

A SOCIEDADE CONDENA
A MULHER QUE NÃO QUER TER FILHOS
MAS TOLERA O HOMEM
QUE MESMO TENDO
ESCOLHE NÃO SER PAI

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 5



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 6



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1



Ana

Quero obrigar as mulheres periféricas (pq as ricas abortam de qualquer forma) a terem o filho, afinal na hora de abrir as pernas tava bom né!
Mas quando a criança nascer em condições precárias é bom que essa mulher nem pense em pedir bolsa família, que é coisa de quem mama nas tetas do governo.
Também não tem problema se o pai for ausente, é só a mãe trabalhar o dia todo (quem pariu matheus que o embale) que com a meritocracia essa criança pode até chegar à faculdade, mas sem cotas né, pq cotas é coisa de vitimista e fracassado.
E caso essa criança caia na criminalidade (por puro desvio de caráter, não tem nada a ver com a falta de estrutura familiar) é melhor que vá pra cadeia já com 16 anos, ou pra baixo da terra afinal bandido bom é bandido morto.
Mas que fique claro que sou a favor da vida.

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Se eu, Samaya, maior de idade, quiser fazer uma laqueadura hoje, eu não vou poder fazer, pois tenho menos de 25 anos e não tenho filhos. E mesmo que tivesse um filho, ainda assim recusariam, pois, como disse, tenho menos de 25 anos. "Você está muito nova para fazer algo assim, pra vida toda", diriam, "você pode se arrepender futuramente", "você não vai poder ser mãe nunca". (Isso porque posso adotar futuramente; e falando do meu caso, posso me casar ou ter um relacionamento com uma mulher que queira engravidar, ou seja, se eu quiser ser mãe, tenho várias saídas, mesmo com laqueadura).

Mas se eu, Samaya, engravidar hoje, mesmo tomando anticoncepcional, e quiser interromper a gravidez antes dos 3 meses, o discurso muda completamente. Do "você não sabe o que está fazendo" da laqueadura, vai para "você sabe muito bem o que está fazendo", do "você vai se arrepender futuramente", vai pro "agora aguenta pra vida toda, não tem volta".

Por que eu tenho que aguentar as consequências de ter um filho pra vida toda, mas pressupõe que não posso aguentar as consequências de nunca o tê-lo? Por que pressupõe que mesmo eu tomando ac e dizendo que NÃO quero ser mãe, um dia ainda vou querer ser mãe?

MATERNIDADE COMPULSÓRIA, é esse o nome.



SUBVERSIVO

→ **Violência sexual**

O tema violência contra a mulher apareceu inúmeras vezes em posts que continham correntes de oração, denúncias de crime, matérias jornalísticas, relatos e expressões de indignação e apoio as vítimas. A mentalidade coletiva que reivindica uma política de enfrentamento contra a violência de gênero se manifesta abertamente e demonstra que essas adolescentes tem contato com discursos que denunciam o feminicídio.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

Brasil

Jovem é violentada com pedaço de cana-de-açúcar



Gilmar Aragão

Hortolândia

Alguém aí, poderia me explicar, o que uma garota de 19 anos, estaria fazendo em um final da noite de sábado, como diz a matéria, em um ponto de ônibus, sozinha!?

Curtir · Responder · Marcar como spam · 2 · 29 de julho de 2016 22:35 · Editado



Marcela Fabri

Esperando o ônibus

Descurtir · Responder · Marcar como spam · 227 · 29 de julho de 2016 22:37

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Violência de gênero



Mayara Vaz

Ontem às 10:41 ·

ARQUIVOS FEMINISTAS

Lucia Perez, 16, empalada, drogada à força até queimar completamente as narinas.

33 x 1.

Bebê de dois anos morre após ser abusada pelo namorado da mãe.

Coronel da PM pedófilo.

Claudia, arrastada.

Garota de 16 anos presa por uma Juiza numa cela com 30 homens por 20 dias. Sem crime.

Garota de 13 anos, grávida do responsável, que a estuprou, é indagada por um juiz se tentou "fechar" a genitalia.

Meninas de 7 anos, fugindo da guerra na Síria, são obrigadas a pagar pra soldados da ONU, por água e bolacha de água e sal. Com sexo oral.

Meninas judias e cristãs sendo sequestradas pra serem escravas sexuais pelo Estado Islâmico, queimadas vivas quando se negam.

Mutilação genital legalizada na África.

Queimaduras químicas na Índia.

Uma amiga, beijada a força na balada.

Eu, apalpada no trem.

Você, ganhando menos que os homens da sua equipe.

Aquela sua tia que apanha do marido.

Aquela sua prima que teve os nudes vazados.

Todas nós, agredidas. Humilhadas. Subjugadas. Arrastadas. Penetradas.

Mutiladas. Empaladas. Diminuídas.

Mortas.

E tem gente que fala "mas o exército não é obrigatório pra vocês".

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Racismo, desigualdade social e empoderamento

O descontentamento com a desigualdade social justificada por recortes étnicos raciais também aparece registrado através de postagens. Há dois vieses principais de abordagem: um denuncia, condena e combate o racismo e todas as manifestações de preconceito que ideologias desse tipo possam provocar e por outro lado também aparecem posts sugerindo um crescente estágio de identificação e pertencimento, onde as garotas gradualmente demonstram interesse em assumir sua identidade racial, manifestando bem estar consigo mesmo e aceitação de traços, fenótipos, elementos que pertençam a raça negra.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2

"Ser mulher e
negra é a
minha
essência e
não minha sentença."
Feminilidades



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

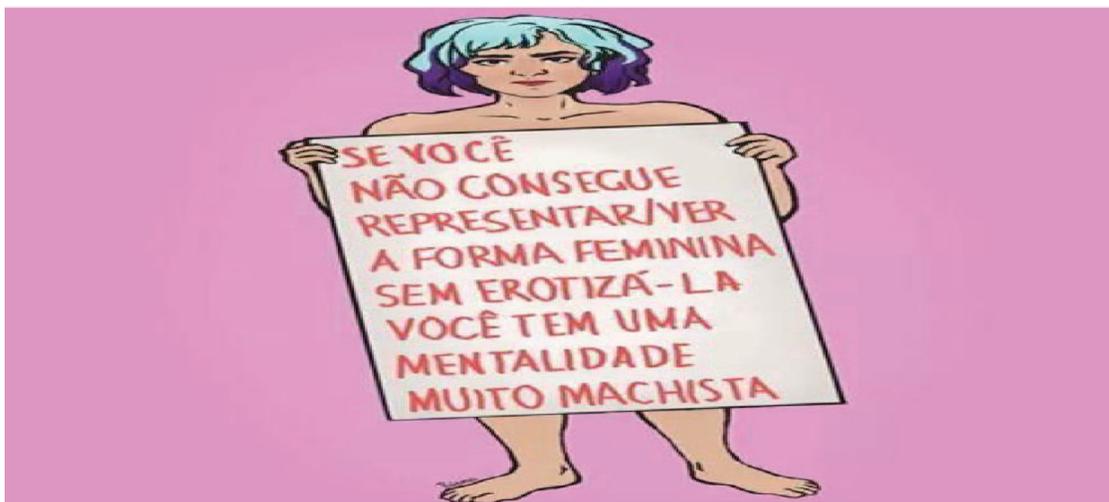
"Eu sou umbandista e vou ao terreiro frequentemente porque eu amo e oro a Deus, nosso criador, aos Orixás e a Jesus Cristo, nosso Pai Oxalá. Eu sou apenas um ser humano e tenho muitas falhas. Não acho minha fé melhor que a sua, então, não condene a minha. Cultuamos as qualidades do Criador e a natureza e praticamos a caridade. Vamos aprender com nosso Pai: "amai-vos uns aos outros", "amai o seu próximo como a ti mesmo". Bem menos intolerância, bem mais amor! Que esta "corrente" sirva para combater o preconceito e a intolerância contra as religiões de origem africana! Copie e cole no seu mural você também 😊:) AXÉ!"

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ **Contra o machismo**

Foi maciça a expressão reprovativa ao machismo. A maioria das adolescentes demonstra insatisfação com comportamentos e conceitos que perpetuam posturas que abonam atitudes e opiniões preconceituosas contra a mulher. Através de recados os perfis as pesquisadas repudiam as práticas machistas.

Figura 1



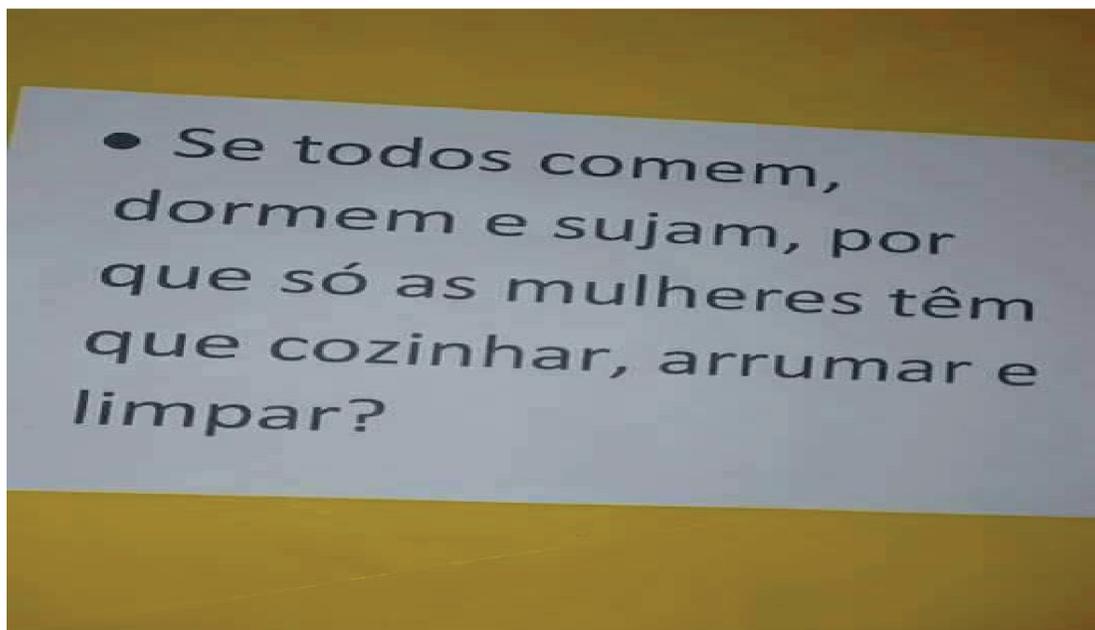
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



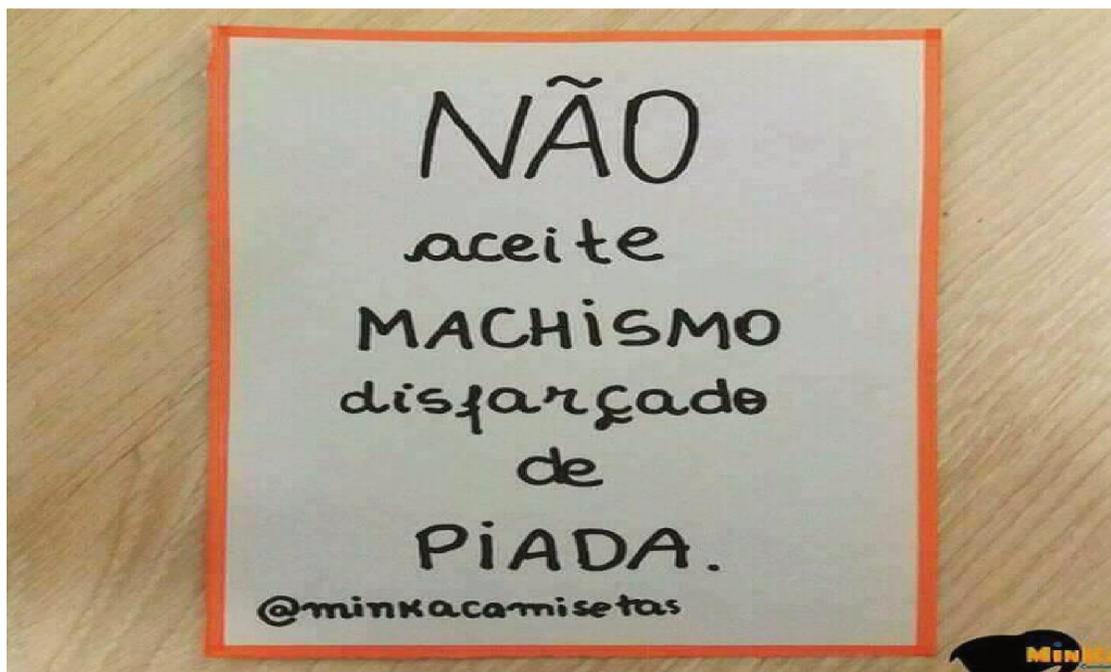
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Militância feminista

A manifestação contra a condição e desigual como são tratados e como vivem homens e mulheres é fortemente criticada. Mesmo em uma amostra considerada pequena é interessante constatar a mudança no discurso de meninas tão jovens, que na etapa da adolescência já demonstram perceber que o processo de emancipação feminina depende de rupturas de valores e padrões que já deveriam estar há muito ultrapassado. Elas não aceitam serem julgadas por critérios pessoais como roupa, estilo, orientação, etc. Querem respeito e direitos iguais ao homem e não demonstram medo em registrar o que pensam, compartilhando posts feministas que abordam diretamente os problemas que todas as mulheres enfrentam diariamente.

Figura 1



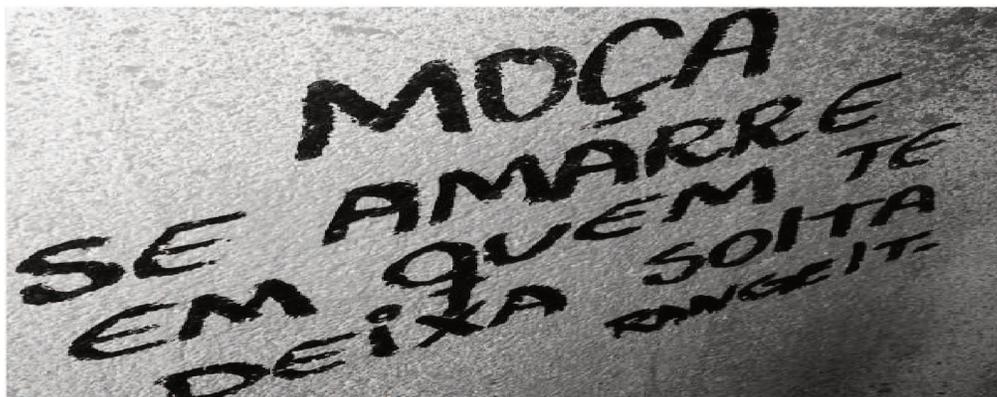
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



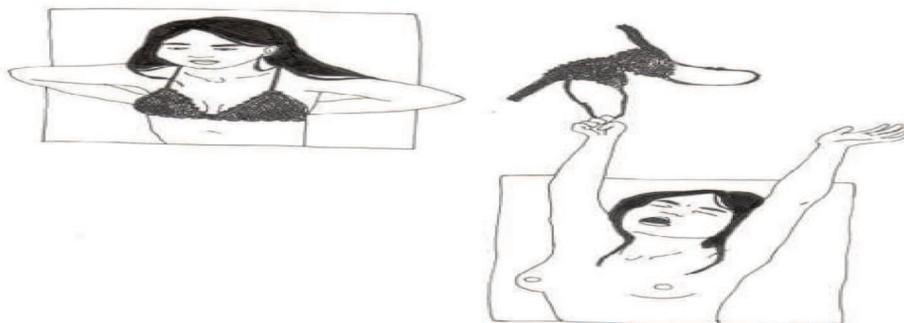
Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura

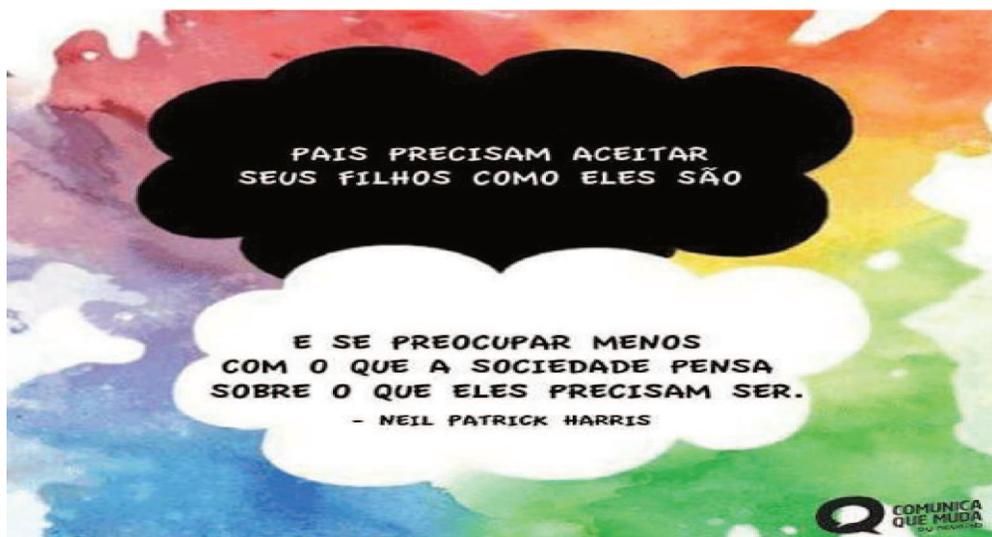


Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ Homofobia e diversidade sexual

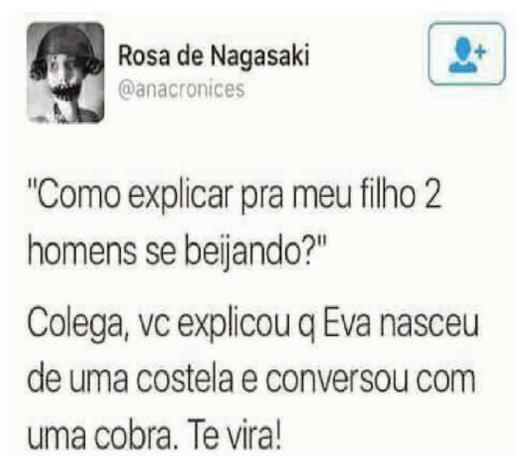
Uma característica interessante encontrada nos perfis femininos foi a preocupação com o bem estar social. Essa articulação com o bem coletivo se evidenciou em manifestação pelos direitos e igualdade racial e também a se ampliou também a luta pela igualdade de gênero e reconhecimento e respeito à diversidade sexual. Não foi encontrado nenhum registro deste tipo de menção nos perfis dos garotos o que demonstra que nossa garota está determinada não só a lutar pelos seus direitos, mas sim na conquista dos direitos de todosos que estão a sua volta.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 3



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 4



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 5



Ser Gay não é crime, escolha ou doença.
Pare de usar Deus como justificativa para o seu preconceito!
Não use sua religião como desculpa pra odiar o próximo.

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

→ A educação aparece como emancipação.

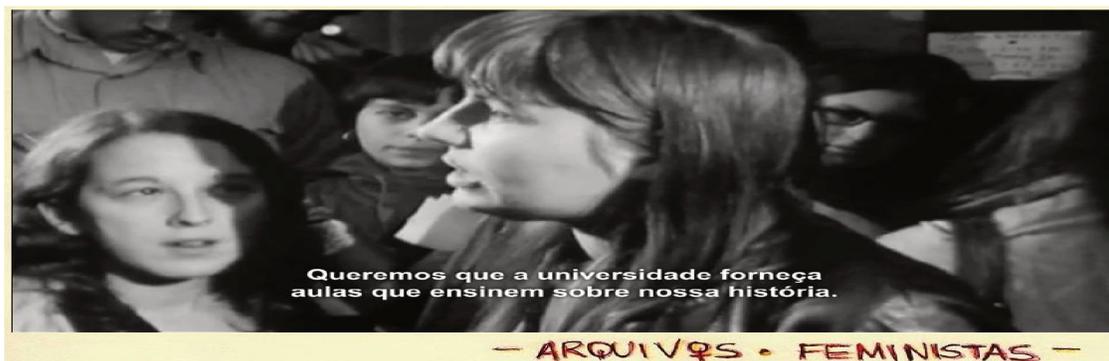
Em alguns momentos a educação aparece nos perfis como a porta por onde as garotas aprenderam a pensar sua condição e papel de gênero de um jeito diferente. Seja através de conteúdos nas redes sociais ou conversas em ambientes diversos, o contato com um discurso que finalmente ensina a pensar a mulher como pessoa de direito, que deve decidir e opinar sobre sua vida também impacta sua própria percepção do que é pertencer e se identificar com seu gênero. Existe uma preocupação em como toda essa discussão pode chegar a todos os espaços: escola e família, por exemplo, e a reivindicação por mudanças na própria educação, para que a mulher também seja educada em igualdade de acesso e oportunidades dentro da escola.

Figura 1



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Figura 2



Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

Postagem 1

"Pra ser constantemente julgada basta que você seja mulher"

Fonte: Facebook, página pessoal do pesquisado, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento do trabalho foi possível concluir que a interação social, a partir do ambiente virtual, expõe diretamente o adolescente a discursos impregnados de preconceito relacionados a Gênero como machismo, sexismo, homofobia, transfobia e outras formas de discriminação. Paraíso alerta para o poder de influência deste recurso/agente “considerar o discurso como prática é explorar sua potencialidade para produzir, fabricar e objetivar realidades, objetos e sujeitos” (2007, p. 233).

A representação da identidade desse grupo reflete nuances que trafegam entre o mundo virtual e o mundo real configurando-se e/ou influenciando também meio sociocultural, numa "nova dimensão de comunicação que está cada vez mais definida em *bits - em fluxo de impulsos*, promovendo um processo célere e imprevisível de informações” (CATAPAN, 2002).

Nesse caminho é notável o embate discursivo que aparece nos perfis das garotas, a maioria posta ou já postou conteúdo que demonstra insatisfação com a condição que a mulher é tratada em nossa sociedade. Geralmente usam suas páginas para criticar ações e repudiam comentários que desqualificam, julgam ou hostilizam a mulher.

Essa postura também se reproduz por outras causas sociais como luta contra o racismo, pelo meio ambiente, por uma melhor qualidade da educação e uma vida mais saudável. Esse comportamento não foi reconhecido nos perfis masculinos, estes ainda refletem, com uma fidelidade preocupante, os mesmos recortes das estruturas tradicionais.

Os alunos replicam mensagens que menosprezam, satirizam, hostilizam, entre outras atitudes, a imagem da mulher e de homoafetivos. Também em relação a posicionar-se diante de alguma notícia, mensagem, ou post que denuncie alguma violência de gênero, os mesmos geralmente não se pronunciam. Preferem o silêncio, e quando questionados pela pesquisadora o porquê de não opinar diante de X questão, alegam que não "gostam de falar sobre o assunto".

Muitas vezes existe até um compartilhamento de conteúdo com piadas sexistas, machistas, racistas ou homofóbicas sem a mínima preocupação em se parecer preconceituoso. Foi indagado se realmente ali era o discurso do sujeito em estudo ou apenas uma réplica da intolerância de outrem.

É possível admitir que a maioria geralmente concorda com o que posta mesmo que não defenda cem por cento que foi postado. Parece existir uma conexão entre o que o sujeito é, o que posta e as interações que faz. Como se as relações existentes no mundo virtual estivessem intimamente mescladas na sua própria pessoa. Essa postura ostensivamente machista que os garotos apresentam está impregnada por ideologias opressivas que se dirigem tanto a garotas quanto a outros meninos que se definam com o gênero feminino, sendo que para estes últimos ainda existe o agravante do tratamento homofóbico dispensado.

Embora muitos dos entrevistados não percebam, seu perfil reflete uma prática histórica de desigualdade de gênero, e, mesmo com uma amostra relativamente pequena, a incidência de registros recorrentes manifestando desrespeito, opressão, ironia, impiedade, violência, entre outros, denuncia que o ambiente virtual também contribui para a propagação de ideologias de ódio contra o gênero oposto. Convém avaliar se o acesso ilimitado “a tanto e a tudo” potencializa ainda mais as concepções lamentáveis observadas.

Se a proposta do estudo foi investigar a construção da identidade do adolescente no Facebook deveremos agora ponderar na possibilidade dessa constituição transcender a experiência do sujeito como único autor. Assim como Bauman, quando reconhece uma esfera global para o desenvolvimento, afirmando: “Como tarefa, a individualidade é o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal” (BAUMAN, 2007b: 31)

O sucesso das redes sociais deve-se fundamentalmente às imensas possibilidades de partilha de informação e de colaboração, representando novas oportunidades não só em um contexto pessoal e profissional, mas também em situações que envolvem aprendizagem de algo (MIRANDA *et al.*, 2010). Essa nova perspectiva de aprendizagem deve ser também incluída no currículo escolar, o leque de acesso a múltiplas informações que bombardeiam nosso jovem a cada dia deveria passar por um julgamento crítico e não apenas por uma "esponja acolhedora".

Como escreve Bauman (2007b: 167), “Precisamos da educação ao longo da vida para termos escolhas. Mas precisamos delas ainda mais para preservar as condições que tornam essa escolha possível e a colocam ao nosso alcance”.

Miranda argumenta que se diante do avanço tecnológico e da insidiosa presença dos diferentes tipos de mídia na escola pensávamos em como educar com elas. Nosso desafio doravante é pensar como elas nos educam (MIRANDA, 2001).

Se nossas alunas estão sendo apresentadas a discursos de engajamento e militância para a causa feminista e se nossos alunos recebem um bombardeio de informações,

mensagens e defesas que fazem apologia aberta a discursos de ódio é mais que urgente trazer a discussão para dentro da escola também. O acesso virtual também é um facilitador de absorção educacional, se esse processo é benéfico ou não depende de como e qual discurso está sendo mais efetivamente apresentado.

Relacionar a abordagem do trabalho apresentado com sua relevância para os estudos de gênero na escola é tentar atribuir à efetiva importância da condição atual de construção e desenvolvimento do aluno adolescente mediante exposição maciça ao ambiente virtual em que ele se encontra. Os modelos de influência, muito mais que em relações interpessoais, se apresentam em exemplos deflagrados pela mídia, seguramente em constante transição.

Perfilar a constituição deste sujeito virtual dialoga com seu processo de construção identitária e a constância e/ou alternância de suas modificações. Nesse caminho, espera-se que a pesquisa seja útil na condução de projetos e ações para um trabalho docente mais inclusivo, justo e democrático, ajudando a promover políticas públicas igualitárias em acesso e oportunidades para todas as expressões de gênero. A educação para o gênero deve ser defendida pela escola como uma proposta efetiva de resistência a desigualdade, ao preconceito e a violência, envolvendo não só a esfera escolar e a rede social que interage com esta, comunidade escolar e famílias, mas também os novos espaços socioculturais oferecidos pela interação virtual. Freire, Haddad e Ribeiro (2007, p. 15) defendem a construção de uma política pública de educação em gênero e diversidade reconhecendo que não “[...] bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas”.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: ArtesMédicas, 1981.
- AYRES, J.R.C.M. Adolescência e saúde coletiva: aspectos epistemológicos da abordagem programática. In: Schraiber, L.B. Programação em saúde hoje. São Paulo: Editora HUCITEC, 1990.
- Bachrach, Y.; Kosinski, M; Graepel, T.; Kohli P. & Stillwell, D. (2012) Personality and Patterns of Facebook Usage. *Web Science*, 12, 21-24.
- BAJOIT, G.; FRANSSEN, A. O trabalho, busca de sentido. In: SPÓSITO, Marília et. al. (Org.). Juventude e contemporaneidade. Brasília, DF: UNESCO, MEC, ANPed, 2007.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. (Org.). Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais - livro de conteúdo. Rio de Janeiro: Brandão, R. C. Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- _____. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. Vida líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- Benevenuto, F.; Almeida, J. & Silva, A. S. Coleta e Análise de Grandes Bases de Dados. In: Alberto Ferreira de Souza & Wagner Meira Jr. (Org.). Atualizações em Informática (pp. 63-102). Porto Alegre, 2011.
- Calligaris, C. A adolescência. Coleção Folha Explica. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.
- CAMARGO, A. M. e MARIGUELA, M.(orgs). Cotidiano Escolar, emergência e invenção. Piracicaba: Jacintho Editores, 2007. in LIMA, Ana Cristina. SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Ensino de gênero e sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo cts. Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.6, n.3, p.151-172, 2013.
- Campos, C.C.G. & Souza, S.J. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. Psicologia: Ciência e Profissão, 23(1), 2013. Pedrozo, S. To be 'cool' or not to be 'cool': Young people's insights on consumption and social issues in Rio de Janeiro. Journal of Youth Studies, 14(1), 109-123 In: SOUZA EW, Raquel de Andrade. Dissertação de Mestrado - PUC/Rio Grande do Sul, 2015.
- CARVALHO, Mauro. A construção das identidades no espaço escolar. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.20, n1, p.209-227, 2012.
- CASTELLS, Manuel. A galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003.
- CATAPAN, Araci Hack. Pedagogia e Tecnologia: A comunicação digital no processo pedagógico. ABED, 2003.
- CAVALCANTI, R.C. Adolescência In VITIELLO N et al. Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988
- CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (orgs). Psicologia Social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.58-75. (Lazer et al., 2009).
- DELEUZE, G. (s.d). *O que é um dispositivo*. Disponível em: <http://www.ufes.br/ppgps/files/textos/Deleuze.dispositivo.pdf>

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. A identidade em Psicologia Social. Dos processos identitários às representações sociais. Petrópolis: Vozes, 2009.

Domingues, C.M.A.S.; e Alvarenga, A.T. Identidade e sexualidade no discurso adolescente, *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento humano*, 7(2), 1991.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. "O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza".

Erickson, E. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, v.28, n.1, 2002.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.@@@

Garrod, A., Smulyan, L., Powers, S., & Kilkenny, R. *Adolescent portraits: Identity, relationships, and challenges* (2ª ed.). Boston: Allyn and Bacon, 1995.

FREIRE, N.; HADDAD, F.; RIBEIRO, M. Construindo uma política de educação em gênero e diversidade. In: GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GREGOLIM, M. R. Identidade: objeto ainda não identificado? *Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista.

Guattari, F. & Rolnik, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIMARÃES JR, Mário José Lopes. A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade. In: "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropología del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. Londres: SAGE Publications, 2000

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In M. G. C. Jacques (org.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Justo, J. S. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade.

Kosinski, M.; Stillwell, D.J. & Graepel, T. (2013). Private traits and attributes are predictable from digital records of human behavior. *Proceedings of the National Academy of Sciences (PNAS)*.

LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O Sujeito da Educação: estudos Foucaultianos*. 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LeManer-Idrissi, G., Barbu & Maluf, M.R. A construção da identidade sexuada durante os primeiros anos de vida. In: Maluf, M.R. (eds). *Psicologia educacional: questões contemporâneas* (pp. 13-52). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. In: MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

Levinsky, D. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

Lévy P. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. *A Inteligência Coletiva – por uma antropologia do ciberespaço* 2ed. São Paulo, SP: Loyola, 1999. In GUTIERREZ, Suzana de Souza. *A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line*. UFRGS. Acessível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT16-5768-Int.pdf>

Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 2003.

Malva, A. (2011). *Actitudes y comportamientos de los adolescentes frente a la sexualidad*. Tese de doutoramento citado in: ALVES, Paulo. MOTA, Catarina Pinheiro. *Identidade de gênero e orientação sexual na adolescência, natureza, determinantes e perturbações*. *Psicologia e Upsi*. utad.pt nº2, 2015.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5/6, p.5-14, set./dez. 1997. Juventude e contemporaneidade, n. esp.

Minayo, M. C. S., & Sanches, O. (1993). Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, 9(3).

MIRANDA, C. E. A. Uma Educação do Olho: As Imagens na Sociedade Urbana, Industrial e de Mercado. *Cadernos Cedes*, ano XXI, nº 54, 2001.

MIRANDA, L.; MORAIS, C.; ALVES, P.; DIAS, P. Redes sociais: utilização por alunos do Ensino Superior. In: XV Congresso internacional de tecnologías para laeducación y elconocimiento. Madrid, 2010. In: PEDRO, Clelder Luiz. PASSOS, MarinezMeneghello. ARRUDA, Sergio de Mello. Aprendizagem Científica no Facebook. *ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, v.8, n.1, p.3-19, 2015.

Moraes, N. A., Cerqueira-Santos, E., Moura, A. S., Vaz, M., &Koller, S. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: um estudo com caminhoneiros brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 2007 in SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília , v. 26, n. 2, 2010.

Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J., & Huston, A. C. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Harbra, 1995. *Revista do Departamento de Psicologia (UFF)*, 17(1), 2005.

NASCIMENTO, I. P. As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um estudo psicossocial. Tese (Doutorado em Educação) –PUC,São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, T. G. P.; MUYLAERT, A. J.; REIS, A. O. Crianças como sujeitos na pesquisa: uma revisão integrativa. *Psicologia Hospitalar*, São Paulo, v. 10, n. 2, 2012.

ORTIZ, Renato. Um outro território: ensaio sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

Outeiral, J. O. *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PAIVA, R.; FREIRE FILHO, J.; GRANJA, E. (orgs.). *Mídia e Poder: Ideologia, Discurso e Subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2008.

PARAÍSO, M. A. Currículo e mídia educativa brasileira: poder saber e subjetivação. Chapecó, Argos, 2007.

PATRÍCIO, R. GONÇALVES, V. *Facebook: Rede Social Educativa*. I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa, 2010.

PERALVA, A. T., SPOSITO, M. P. (orgs.) *Juventude e Contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, ANPED, mai/jun/jul/ago, no 5, set/out/nov/dez, no 6. Número Especial. 1997.

PEREIRA, M. E. et al. (Org.). *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2007.

POSSENTI, Sírio. *Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. *On the Horizon*. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001

Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

REY, Fernando Luis González. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação históricocultural*. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de identidade*. In: LINS, Daniel (org.). *Cultura e subjetividade: saberes e modos*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

SALTALAMACCHIA, H.R. Lajuventuden Ia época moderna: unanálisis conceptual. Puerto Rico, Cuadernos CIJUP; 1990 (ColecciónEnsayos).

Santos, B. R. *Emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias*. Dissertação de mestrado, PUC, São Paulo, 1996 In:BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Esc. Educ. (Impr.)*, Campinas , v. 11, n. 1, p. 63-76, June 2007

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez. 1995.

Serra, E. Adolescência: perspectiva evolutiva. Em *Anais do VII Congresso INFAD*. Oviedo (Espanha), 1997.

SIDEKUN, A. Alteridade e interculturalidade. In: SIDEKUN, A. (Org). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí, Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidades terminais*. Petrópolis:Vozes,1996. TEDESCO,JoãoCarlos.Paradigmas do cotidiano. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (1999). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (2ª ed.). Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian.In:SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. *Adolescência através dos séculos*. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 2, 2010.

SOUZA, Wuldson Marcelo Leite. *Uma excursão pelo contemporâneo a partir do conceito de modernidade líquida de ZygmuntBauman / Wuldson Marcelo Leite Souza*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, 2012.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha Azucena; PINHEIRO, Verônica de Souza. "Adolescência e contexto social: esclarecendo práticas". *Psicologia e Sociedade*, v. 14 , n. 2, p. 133-147, jul./ dez. 2002.

VAITSMAN, Jeni. "Hierarquia de gênero e iniquidade em saúde". *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 4, n. 1, p. 7-22, 1994.

Ward, K. J. (1999). *Cyber-ethnography and the emergence of the virtually new community*. *JournalofInformation Technology*, 14(1), 95-105.

Trabalhos mencionados na revisão da literatura:

1. Socialização de gênero e adolescência

autoras: Martha a. Traverso-Yépez e Verônica de Souza Pinheiro

2. A construção das identidades no espaço escolar

autor: Mauro Carvalho

3. Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries

autoras: Laura Fogaça Saud e Josiane Maria de Freitas Tonelotto

4. O adolescente pelo adolescente: a dialogicidade das narrativas de si articuladas à lógica de consumo e às mídias sociais

autora: Raquel de Andrade Souza

5. Ser ou apare-ser: eis a questão! uma lógica possível de construção identitária adolescente no mundo virtual

autora: Mariana Paula Oliveira

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

Perfil Virtual Adolescente - Construção da imagem no Facebook: Implicações nas expressões/distinções e papéis de Gênero.

Nome do Pesquisador: Maria do Carmo da Silva

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Carla Giovana Cabral

1. **Natureza da pesquisa:** *Asra/ o (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade analisar o processo de construção do perfil virtual adolescente na rede social Facebook e, através da observação deste perfil, levantar possíveis especificidades presentes e visíveis na constituição do papéis e expressões de Gênero.*
2. **Participantes da pesquisa:** *O grupo será formado por 40 alunos selecionados em 04 escolas públicas da Rede Municipal de Ensino em Florianópolis que estejam cursando os anos 8º ou 9º e possuam perfil na rede social Facebook sendo 20 alunas e 20 alunos.*
3. **Envolvimento na pesquisa:** *Ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o a pesquisadora observe e registre informações presentes em seu perfil virtual através de suas ações como: postagens, curtidas, compartilhamentos, bloqueios, configurações, entre outras. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.*
4. **Riscos e desconforto:** *A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. No entanto poderá em algum momento, com a ciência de o perfil está sendo avaliado, haver situações de desconforto referente ao constrangimento, receio, vergonha e/ou medo da suposta avaliação que será feita das informações colhidas . Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Fica assegurado que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.*
5. **Confidencialidade:** *Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.*

6. **Benefícios:** *Ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre as influências que interações virtuais possam ter sobre a construção do perfil virtual adolescente na rede social Facebook e no levantamento de possíveis especificidades do desempenho de papéis e constituição/expressão identitária, de forma que o conhecimento que será construído, a partir desta pesquisa, possa auxiliar em estudos sobre a dimensão do processo interativo e suas repercussões na identidade adolescente a partir da temática Ideologia de Gênero.*
7. **Pagamento:** *a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.*

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Responsável Legal do participante

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Pesquisadora: Maria do Carmo da Silva

QUESTIONÁRIO:

Perguntas abertas e fechadas

1. Qual é a sua idade?
2. Há quanto tempo possui um perfil na rede social Facebook?
3. O que mais atrai a sua atenção nesta rede social?
4. Quanto tempo você fica conectado por dia a rede social Facebook:
() 1 hora () de 2 a 3 horas () de 4 a 5 horas () 6 ou mais
5. Onde você se conecta para acessar o Facebook?
() Casa () Lan House () Escola () Celular
6. Você acessa o Facebook durante a aula?
() Sim () Não
7. Por que você utiliza o Facebook?
8. Você acha que o Facebook é importante? Justifique o por quê.
9. Quando você está online no Facebook, o que mais você se interessa em ver?
10. Você compartilha/escreve em seu mural no Facebook?
() Sim () Não
11. Quais os temas que você costuma compartilhar em seu mural?
12. Você participa de grupos ou segue páginas ?
() Sim () Não
13. Quais são os temas debatidos nestes grupos e páginas?
14. Você contribui escrevendo suas ideias e opiniões nestes grupos e páginas?
() Sim () Não
15. Você utiliza o Facebook a favor de alguma causa?
() Sim () Não
16. Como você acha que faz isso utilizando o Facebook? Explique.
17. Você acha que o Facebook contribui para a propagação de ideias preconceituosas?
() Sim () Não
18. Você já viu algum discurso, mensagem, notícia fazendo apologia ao preconceito/discriminação?
() Sim () Não
19. Se sim, descreva-o.
20. Você compartilhou essa atitude no Facebook?
() Sim () Não
21. Por que você não compartilhou?
22. Você acha que existe diferenças nas características que são mostradas nos perfis das garotas e nos dos garotos?
() Sim () Não
23. Se sim. Quais seriam?
24. Alguma vez você já sofreu críticas ou ameaças por uma atitude no Facebook?
() Sim () Não
25. Se sim, descreva a situação.
26. Você já sentiu sentimento de frustração, constrangimento ou humilhação por alguma atividade no Facebook?
() Sim () Não
27. Se sim, descreva a situação.

28. Seus familiares costumam interagir com você através do Facebook?
29. Você usa o Facebook para alguma destas atividades:
- paquerar
 - encontrar novos amigos
 - investigar pessoas
 - acompanhar pessoas específicas
 - fazer denúncias
 - informar-se sobre acontecimentos ou eventos
 - marcar encontros
 - conversar
 - fazer pesquisas escolares
 - comunicar-se com os familiares
30. Para você , possuir um perfil no Facebook traz algum tipo de problema?
- Sim Não
31. Se sim, qual seria?
32. Qual atividade você considera mais ofensiva para um comentário no Facebook?
- piadas machistas piadas feministas piadas racistas piadas homofóbicas
33. Quanto você acredita que as pessoas correspondam em relação a sua personalidade com o que demonstram no perfil:
- tudo ou muito do que elas mostram é o que realmente são
 - a metade do que elas mostram é o que realmente são
 - pouco do que mostram é o que realmente são
 - nada do que mostram é o que realmente são
34. Se pudesse restringir algum conteúdo no Facebook você optaria por:
- violência
 - pornografia
 - religião
 - política
 - educação
35. você já foi bloqueado pelo Facebook? Se sim diga por quê?

Gráfico I - Ano que está cursando no Ensino Fundamental

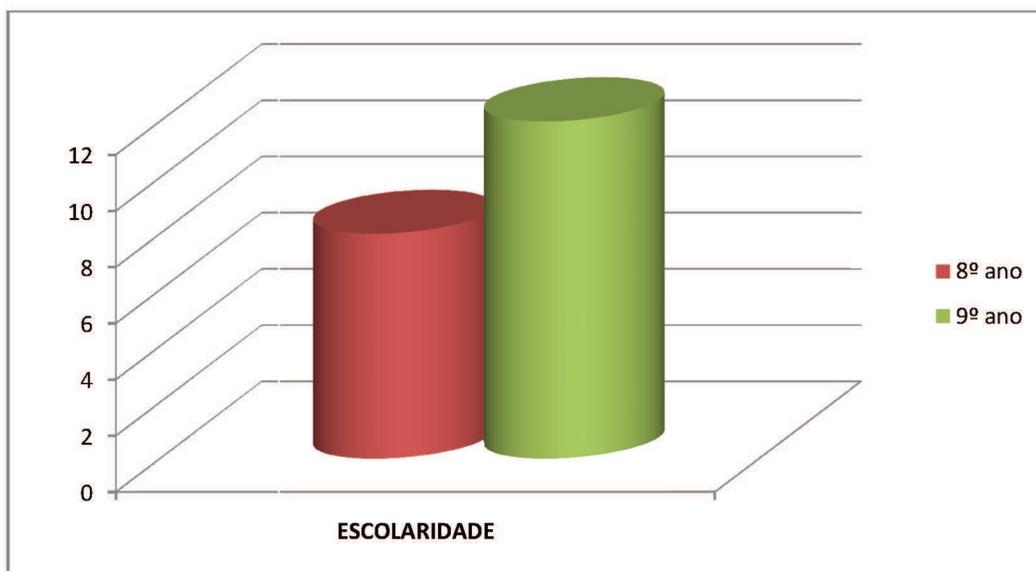


Gráfico 2 - Sexo apresentado pelo adolescente para a pesquisa

